

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**ADORAÇÃO E LOUVOR NO CULTO DAS IGREJAS BATISTAS
DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS, HISTÓRICOS E LITÚRGICOS**

DANIEL PROENÇA CALIL

São Paulo-SP

2026

DANIEL PROENÇA CALIL

**ADORAÇÃO E LOUVOR NO CULTO DAS IGREJAS BATISTAS
DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS, HISTÓRICOS E LITÚRGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para o
título de Bacharel em Teologia pela
Faculdade Teológica Batista de São
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves Silva

São Paulo-SP

2026

Calil, Daniel Proença.

Adoração e louvor no culto das igrejas batistas da
Convenção Batista Brasileira: fundamentos bíblicos, históricos e
litúrgicos / Daniel Proença Calil. — São Paulo, 2026.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia)
— Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves Silva

1. Adoração. 2. Louvor cristão. 3. Culto batista. 4. Liturgia.
5. Igrejas batistas. I. Título.

CDD 264.061

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

DANIEL PROENÇA CALIL

**ADORAÇÃO E LOUVOR NO CULTO DAS IGREJAS BATISTAS
DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA:
FUNDAMENTOS BÍBLICOS, HISTÓRICOS E LITÚRGICOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Alves Silva - Orientador

Prof. Dr. - Leitor

Prof. Dr. - Coordenador

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor da minha vida e da minha vocação, toda honra, glória e gratidão. Pela Sua infinita graça que me alcançou em Cristo Jesus, pelo chamado ministerial que me confiou e pela fidelidade demonstrada em cada etapa desta caminhada. Agradeço por Seu sustento, direção e cuidado durante todo este período acadêmico, fortalecendo-me nos momentos difíceis e lembrando-me constantemente de que toda sabedoria e conhecimento procedem d'Ele. Sem Sua misericórdia e bondade, nada disso seria possível.

À minha esposa Raquel, meu profundo agradecimento pelo amor, cuidado, companheirismo e incentivo constantes. Obrigado por permanecer ao meu lado em todos os momentos, pela paciência diante das ausências e dificuldades, pela compreensão nos períodos mais intensos desta jornada e por sempre acreditar em minha vocação e ministério. Sua presença foi fundamental para que este trabalho fosse concluído.

Aos meus pais, Edson e Kelly, agradeço pelo amor, dedicação e zelo espiritual ao longo da minha vida. Obrigado por me apresentarem o Evangelho, por me ensinarem os caminhos do Senhor desde a infância e por investirem na minha formação espiritual e pessoal. Grande parte da minha caminhada ministerial e acadêmica é fruto das sementes plantadas por vocês com oração, exemplo e cuidado.

Aos meus pastores, Elias, Carlos Magno e Carlos Roberto, expresso minha sincera gratidão pela instrução, aconselhamento, cuidado pastoral e apoio durante minha formação ministerial. Obrigado por cada ensino, correção, exortação e encorajamento ao longo dessa caminhada. A contribuição de vocês foi essencial para meu amadurecimento espiritual, teológico e ministerial.

À minha igreja local, Igreja Batista Boas Novas de Sorocaba, minha gratidão por acreditar em minha vocação ministerial, enviando-me ao seminário e sustentando-me financeiramente durante este período de formação. Obrigado pelo acolhimento, cuidado, discipulado e apoio constante. Sou grato por fazer parte de uma comunidade que valoriza o ensino das Escrituras, o serviço cristão e o desenvolvimento de vocacionados para a obra de Deus.

RESUMO

A presente pesquisa analisa a adoração e o louvor no culto batista a partir de seus fundamentos bíblicos, históricos e litúrgicos. O estudo busca compreender como os conceitos teológicos e etimológicos de adoração e louvor influenciaram a formação da identidade litúrgica nos cultos das igrejas batistas, especialmente no que se refere à centralidade das Escrituras, à participação congregacional e à música no culto cristão. Inicialmente, a pesquisa aborda a adoração à luz da teologia bíblica, examinando seu desenvolvimento ao longo das Escrituras. Em seguida, analisa o louvor, seus aspectos bíblicos e sua relação com a adoração cristã, considerando os principais termos hebraicos e gregos utilizados na Bíblia. Posteriormente, o trabalho investiga a formação histórica do movimento batista, observando influências reformadas, separatistas e congregacionais que contribuíram para a construção de sua prática litúrgica. Por fim, analisa-se o louvor no culto batista contemporâneo, destacando a relevância da hinologia histórica, dos cânticos congregacionais e dos desafios relacionados à tradição e à contemporaneidade. Conclui-se que a adoração e o louvor no contexto batista devem permanecer fundamentados nas Escrituras, centrados em Cristo e voltados à edificação da comunidade cristã.

Palavras-chave: Adoração. Louvor. Culto Batista. Liturgia. Tradição Batista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A ADORAÇÃO À LUZ DA TEOLOGIA BÍBLICA.....	12
1.1 O SER HUMANO, UM SER ADORADOR.....	12
1.2 A ADORAÇÃO COMO HOMENAGEM OU GRATA SUBMISSÃO.....	15
1.3 A ADORAÇÃO COMO SERVIÇO.....	17
1.4 A ADORAÇÃO COMO REVERÊNCIA OU RESPEITO.....	19
1.5 A DEFINIÇÃO DE ADORAÇÃO: RESPOSTA DIGNA À REVELAÇÃO DE DEUS....	21
2 O LOUVOR CRISTÃO.....	23
2.1 LOUVOR E ADORAÇÃO: DISTINÇÕES CONCEITUAIS E TEOLÓGICAS.....	23
2.2 AS EXPRESSÕES DE LOUVOR.....	26
2.2.1 Halal (הלל): a celebração exuberante da glória divina.....	26
2.2.2 Yadah (ידה): a confissão e rendição diante de Deus.....	27
2.2.3 Towdah (תודה): o sacrifício de ações de graças.....	28
2.2.4 Barak (ברך): a reverência que se curva diante da majestade.....	28
2.2.5 Zamar (זמר): a musicalidade como expressão sagrada.....	29
2.2.6 Shabach (שבח): o grito de triunfo.....	29
2.2.7 Tehillah (תהלה): o cântico espontâneo que flui da experiência com Deus.....	30
2.2.8 Síntese do Tópico.....	30
2.3 O LOUVOR NA HISTÓRIA BÍBLICA DA REDENÇÃO.....	31
2.3.1 O LOUVOR NO ANTIGO TESTAMENTO.....	31
2.3.2 O LOUVOR NO NOVO TESTAMENTO.....	33
3 O CULTO BATISTA.....	35
3.1 A HISTÓRIA BATISTA.....	35
3.1.1 A Influência Reformada.....	36
3.1.2 Os Separatistas Ingleses.....	36
3.1.3 A Autonomia e Soberania da Igreja Local.....	37
3.1.4 A Centralidade da Palavra.....	38
3.2 A LITURGIA DO CULTO BATISTA.....	39
3.3 O LOUVOR NO CULTO BATISTA.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

INTRODUÇÃO

A adoração e o louvor sempre estiveram presentes na experiência do povo de Deus ao longo das Escrituras e da história da Igreja. No contexto cristão, especialmente no culto coletivo, esses elementos assumem importante função espiritual, litúrgica e comunitária, expressando a relação da igreja com Deus por meio da proclamação, da música, da oração e da centralidade da Palavra. Entretanto, a compreensão desses conceitos não pode ser limitada às manifestações externas do culto, uma vez que a adoração, segundo as Escrituras, envolve a totalidade da vida humana diante de Deus, enquanto o louvor constitui uma de suas expressões.

No contexto contemporâneo, porém, os conceitos de adoração e louvor frequentemente têm sido reduzidos apenas à música ou a estilos litúrgicos, gerando interpretações superficiais acerca do culto cristão. Essa redução pode ser percebida quando a linguagem da adoração passa a identificar quase exclusivamente o momento musical das celebrações, fazendo com que expressões como cantar, tocar instrumentos, levantar as mãos ou conduzir uma determinada forma litúrgica sejam tomadas como sinônimos da própria adoração. Tal compreensão pode obscurecer a dimensão bíblica, teológica e comunitária do culto, na medida em que desloca a atenção da revelação de Deus e da resposta integral do adorador para formas específicas de expressão religiosa.

Essa problemática também alcança o contexto batista, especialmente diante das transformações musicais e litúrgicas ocorridas nas últimas décadas. A diversidade de estilos presentes nas igrejas, o desenvolvimento da música cristã contemporânea e a influência de diferentes movimentos e tendências musicais trouxeram novas possibilidades de expressão cúltica, mas também suscitaram discussões acerca da relação entre tradição e contemporaneidade, liberdade litúrgica e identidade batista. Nesse cenário, torna-se relevante perguntar de que maneira as igrejas batistas compreendem biblicamente a adoração e o louvor e como essa compreensão se relaciona com a prática do culto.

Diante desse problema, esta pesquisa parte de duas hipóteses principais. A primeira é que a compreensão bíblica da adoração e do louvor é mais ampla do que sua redução à música ou a momentos específicos da liturgia. A adoração, conforme

demonstrado pela análise bíblica e teológica desenvolvida neste trabalho, envolve a resposta integral do ser humano à revelação de Deus, manifestando-se em reverência, submissão, serviço, obediência, gratidão e comunhão com Deus. O louvor, nesse contexto, constitui uma das expressões dessa adoração, podendo assumir diferentes formas individuais e comunitárias.

A segunda hipótese é que essa compreensão bíblica constitui fundamento para a formação e a prática do culto batista, especialmente no que se refere à centralidade das Escrituras, à centralidade de Cristo, à participação congregacional e à edificação da igreja. Parte-se, portanto, da hipótese de que a preservação desses fundamentos permite compreender a relação entre tradição e contemporaneidade sem reduzir o culto cristão a estilos musicais ou estruturas litúrgicas específicas.

Ao final da pesquisa, ambas as hipóteses são confirmadas. A análise bíblica demonstra que a adoração envolve a totalidade da vida do adorador e que o louvor possui múltiplas expressões, não se restringindo à música. A análise histórica e litúrgica, por sua vez, evidencia que essas compreensões contribuíram para a formação do culto batista, marcado pela centralidade das Escrituras, pela participação congregacional e pela utilização da música como instrumento de ensino, edificação e expressão coletiva da fé. Dessa forma, o trabalho conclui que hinos históricos e cânticos contemporâneos podem coexistir no culto quando submetidos à fidelidade bíblica, à centralidade de Cristo e à edificação da comunidade cristã.

Assim, o problema desta pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: como os fundamentos bíblicos, históricos e litúrgicos da adoração e do louvor contribuem para uma compreensão adequada do culto nas igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira, especialmente diante da tendência contemporânea de reduzir a adoração à música e aos estilos litúrgicos?

A partir dessa questão, o objetivo geral deste trabalho é analisar os fundamentos bíblicos, históricos e litúrgicos da adoração e do louvor no culto das igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira, buscando compreender como esses conceitos são apresentados nas Escrituras e como sua compreensão se relaciona com a formação da prática cúltica batista. Para alcançar esse objetivo, estabelecem-se como objetivos específicos: a) analisar o conceito de adoração à luz da teologia bíblica, considerando suas dimensões de homenagem, submissão,

serviço e reverência; b) compreender o conceito de louvor cristão, suas distinções em relação à adoração e suas principais expressões nas Escrituras; c) investigar a relação entre louvor e adoração no desenvolvimento da história bíblica da redenção, considerando sua expressão no Antigo e no Novo Testamento; d) apresentar aspectos fundamentais da formação histórica do movimento batista, especialmente as influências reformadas, separatistas e congregacionais; e) analisar princípios que contribuíram para a formação da liturgia batista, com destaque para a autonomia da igreja local, a centralidade das Escrituras e a participação congregacional; e f) refletir sobre o lugar do louvor e da música no culto batista, considerando a relação entre tradição, hinologia histórica, cânticos congregacionais e as expressões musicais contemporâneas.

Para o desenvolvimento desses objetivos, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, fundamentada principalmente na análise das Escrituras e no diálogo com autores que tratam da teologia da adoração, do louvor cristão, do culto e da tradição batista. A pesquisa bíblico-teológica considera o desenvolvimento dos conceitos de adoração e louvor ao longo das Escrituras, incluindo a análise de termos e conceitos presentes nos textos bíblicos. A investigação histórica, por sua vez, recorre à literatura especializada para compreender a formação do movimento batista e os elementos que contribuíram para sua identidade cúlta. Também são analisados aspectos litúrgicos e musicais relacionados ao culto batista, especialmente a centralidade da Palavra, a participação congregacional, a hinologia e as transformações ocorridas na música cristã.

A pesquisa, portanto, não pretende estabelecer um modelo litúrgico único para as igrejas batistas, mas compreender os fundamentos que devem orientar a reflexão sobre adoração e louvor dentro de sua identidade bíblica, teológica e eclesiológica. Considerando a autonomia característica das igrejas batistas, reconhece-se a existência de diferentes formas de organização e expressão do culto, sem que essa diversidade implique necessariamente ausência de princípios comuns. Nesse sentido, a análise proposta busca identificar fundamentos que permitam compreender a diversidade das expressões cúlticas à luz das Escrituras e da tradição batista.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a adoração à luz da teologia bíblica,

examinando a necessidade humana de adorar e desenvolvendo as dimensões da adoração como homenagem ou grata submissão, serviço e reverência ou respeito, culminando na compreensão da adoração como resposta digna à revelação de Deus. O segundo capítulo trata do louvor cristão, estabelecendo distinções conceituais e teológicas entre louvor e adoração, analisando diferentes expressões de louvor presentes nas Escrituras e acompanhando sua manifestação na história bíblica da redenção, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O terceiro capítulo analisa o culto batista, considerando a formação histórica do movimento batista, suas influências reformadas e separatistas, a autonomia e soberania da igreja local, a centralidade da Palavra, a liturgia do culto e, por fim, o lugar do louvor e da música na prática cúltica batista.

Dessa maneira, o percurso desenvolvido parte da compreensão bíblica da adoração, passa pela análise do louvor como uma de suas expressões e chega à maneira como esses conceitos se relacionam com a formação e a prática do culto das igrejas batistas. Busca-se, assim, contribuir para uma compreensão mais ampla da adoração e do louvor, evitando sua redução à música ou a determinados estilos litúrgicos e reafirmando a centralidade das Escrituras na compreensão e na prática do culto cristão.

1 A ADORAÇÃO À LUZ DA TEOLOGIA BÍBLICA

O tema da adoração percorre toda a narrativa das Escrituras e ocupa posição central na experiência do povo de Deus ao longo da história bíblica. Desde o Antigo até o Novo Testamento, percebe-se que a relação entre Deus e a humanidade é constantemente marcada por movimentos de aproximação, reverência, aliança e resposta à revelação divina. Assim, a compreensão bíblica da adoração não pode ser construída apenas a partir de perspectivas culturais, emocionais ou contemporâneas, mas deve emergir da própria revelação das Escrituras. Nesse sentido, este capítulo busca analisar a adoração à luz da teologia bíblica, observando seu desenvolvimento ao longo da narrativa redentiva e sua importância para a compreensão da vida cristã e da relação do homem com Deus

1.1 O SER HUMANO, UM SER ADORADOR

A adoração não surge meramente como uma construção cultural, psicológica ou litúrgica, mas como uma resposta inerente à própria condição humana diante da realidade divina. Em diferentes épocas da história, teólogos, filósofos e pensadores reconhecem que existe no ser humano uma inclinação natural à transcendência, uma busca incessante por significado, plenitude e devoção. A Escritura revela que essa necessidade encontra sua origem no fato de o homem ter sido criado para Deus. Assim, quando o ser humano não direciona sua adoração ao Criador, inevitavelmente a direciona a algo da criação.

O próprio texto bíblico demonstra que o homem foi criado para glorificar a Deus. O profeta Isaías registra as palavras do Senhor: “todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz” (Bíblia, 2011, Isaías 43:7). De modo semelhante, o apóstolo Paulo na carta aos Romanos declara que “Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas.” (Bíblia, 2011, Romanos 11:36), revelando que a existência humana encontra seu propósito último em Deus. A adoração, portanto, não é um acréscimo opcional da vida cristã, mas parte essencial da vocação humana.

O Patrístico Agostinho de Hipona, ao iniciar suas Confissões, demonstra que o coração humano possui uma inquietação existencial que somente encontra descanso em Deus:

“Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite [...] Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.” (Agostinho, 2014, p.22)

A afirmação agostiniana revela que a adoração não é algo artificialmente produzido pela religião, mas um impulso inscrito na própria estrutura do ser humano. O homem foi criado para contemplar, amar e glorificar a Deus. Por isso, longe dEle, permanece inquieto, fragmentado e incompleto. Tal percepção harmoniza-se com a declaração do salmista: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus.” (Bíblia, 2011, Salmos 42:1).

Essa mesma percepção aparece em Institutas da Religião Cristã, quando João Calvino desenvolve a doutrina do *sensus divinitatis*, isto é, o senso da divindade implantado naturalmente na mente humana:

“Consideramos além de qualquer dúvida que existe na mente humana e, na verdade, por disposição natural, certo senso da divindade. Ora, para que ninguém se refugiasse no pretexto de ignorância, Deus mesmo infundiu em todos certa noção de sua divina realidade [...] como todos, à uma, reconhecem que Deus existe e é seu Criador, são por seu próprio testemunho condenados, uma vez que não somente não lhe renderam o devido culto, mas ainda não consagraram a vida à sua vontade.” (Calvino, 2022, p. 65)

Calvino entende que a religião não nasce simplesmente da tradição social ou da necessidade emocional, mas de uma marca deixada pelo próprio Deus na consciência humana. Até mesmo a idolatria, segundo ele, funciona como evidência dessa realidade, pois demonstra que o homem é incapaz de viver sem direcionar sua devoção a algo considerado supremo. O problema humano, portanto, não é a ausência de adoração, mas a corrupção de seu objeto. Essa realidade é confirmada pelo Apóstolo Paulo, quando afirma que os homens “adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador” (Bíblia, 2011, Romanos 1:25).

Calvino ainda afirma:

“Como desde o princípio do mundo nenhuma região, nenhuma cidade, enfim, nenhuma casa tenha existido que pudesse prescindir da religião, há

nisso uma clara confissão de que no coração de todos está gravado o senso da divindade.” (Calvino, 2022, p. 65)

Essa universalidade da experiência religiosa aponta para uma realidade antropológica profunda: o ser humano é, inevitavelmente, um ser adorador. Mesmo quando rejeita a Deus, continua buscando substitutos que ocupem o lugar do absoluto em sua existência.

Essa percepção também aparece de maneira filosófica na obra *Pensamentos* do filósofo, matemático e físico Blaise Pascal, no qual ele identifica no homem um vazio interior que nenhuma distração terrena consegue preencher plenamente. Ao analisar as inquietações humanas, escreve:

“Os seres humanos, não tendo sido capazes de curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para serem felizes, não pensar em nada disso [...] mas é uma consolação bem pobre, porque não cura o mal, apenas o oculta por pouco tempo.” (Pascal, 2025, p. 139)

Para Pascal, o homem vive tentando preencher sua alma por meio de distrações, prazeres, ambições e entretenimentos, mas nada disso consegue resolver sua condição interior. Existe um vazio que denuncia a ausência do verdadeiro objeto da adoração. Em outro momento, ele aprofunda essa ideia ao afirmar: “O ser humano [...] busca inutilmente nas coisas exteriores, sem jamais se contentar, porque ela [a felicidade] não está nem dentro de nós, nem nas criaturas, mas somente em Deus.” (Pascal, 2025, p. 139)

Essa percepção dialoga diretamente com a fala de Jesus em João 4.13-14, quando afirma que toda fonte terrena é incapaz de satisfazer plenamente a alma humana, mas que a água que Ele oferece se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.

Dessa forma, tanto a teologia quanto a filosofia convergem na percepção de que o homem possui uma necessidade inerente de transcendência. A humanidade foi criada para viver diante de Deus, encontrando nEle sua identidade, propósito e satisfação. A adoração, portanto, não é apenas um ato litúrgico, mas a expressão mais profunda daquilo para o qual o homem foi criado. Quando direcionada corretamente ao Senhor, ela conduz o homem ao propósito original de sua existência; quando desviada para ídolos, transforma-se em alienação espiritual e corrupção do coração. Como declara o salmista: “A quem tenho nos céus senão a

ti? E na terra, nada mais desejo além de estar junto a ti.”. (Bíblia Sagrada, 2011 Salmos 73:25)

1.2 A ADORAÇÃO COMO HOMENAGEM OU GRATA SUBMISSÃO

A compreensão bíblica da adoração exige atenção cuidadosa aos vocábulos utilizados pelas Escrituras para descrever tal prática. No Antigo Testamento, o principal termo associado à adoração é o verbo hebraico *hištaḥăwâ*, frequentemente traduzido na Septuaginta pelo verbo grego *proskynein*. Ambos os termos carregam forte conotação de inclinação, prostração e submissão diante de alguém reconhecido como superior.

O Ministro e Professor David Peterson destaca em sua obra Teologia Bíblica da Adoração que o vocábulo grego *proskynein* possuía, originalmente, um sentido ligado à postura corporal de reverência. Segundo o autor:

Na Bíblia grega, a palavra mais comumente traduzida por ‘adorar’ é *proskynein* [...] Desde os tempos mais antigos, esse verbo composto expressava na literatura grega o costume oriental generalizado de lançar-se ao chão, como um gesto corporal de total respeito diante de alguém superior. (Peterson, 2019, p. 49)

A análise lexical demonstra que a ideia primária do termo não era, inicialmente, litúrgica ou musical, mas relacional e hierárquica. O ato de prostrar-se expressava reconhecimento da dignidade, autoridade e superioridade daquele diante de quem o indivíduo se inclinava. Assim, o conceito bíblico de adoração emerge, primeiramente, da linguagem da reverência e da submissão.

Peterson observa ainda que o verbo hebraico *hištaḥăwâ*, presente cerca de 170 vezes no Antigo Testamento, refere-se literalmente ao ato de “curvar-se sobre a cintura”. O autor afirma:

Estudos recentes indicam que o significado literal desse verbo [...] é ‘curvar-se sobre a cintura’. Ou seja, em muitos contextos, o hebraico indica mais precisamente a natureza do gesto na cultura israelita quando tem em vista a reverência literal. (Peterson, 2019, p. 50)

Nesse contexto, a adoração não era compreendida apenas como um sentimento interior, mas como uma expressão concreta de reverência. A postura

física simbolizava humildade, reconhecimento da soberania divina e disposição de submissão perante Deus.

Ao longo do Antigo Testamento, o ato de inclinar-se diante do Senhor aparece frequentemente associado a situações nas quais indivíduos reconheciam a ação divina em suas vidas. Peterson afirma: “Curvar-se diante do SENHOR’, no Antigo Testamento, expressava fundamentalmente temor e submissão a Deus. Em muitas passagens, isso é motivado, de maneira específica, por gratidão”. (Peterson, 2019, p. 51)

Tal perspectiva pode ser observada em episódios como Gênesis 24.26-27, quando o servo de Abraão se prostra diante do Senhor após perceber a resposta divina à sua oração; em Êxodo 4.31, quando o povo de Israel inclina-se ao ouvir sobre a promessa de libertação do Egito; e em Êxodo 34.8, quando Moisés se curva em reverência diante da revelação da misericórdia divina após o episódio do bezerro de ouro.

Nesses casos, a postura de adoração surge como manifestação de reverência diante da grandeza e da bondade de Deus. A inclinação corporal expressava reconhecimento da dependência humana em relação ao Senhor e submissão diante de sua autoridade.

Peterson destaca ainda que, em diversos contextos veterotestamentários, o gesto de prostração possuía relação direta com o culto público de Israel. Em Deuteronômio 26.1-11, por exemplo, a apresentação dos primeiros frutos diante do Senhor incluía o ato de curvar-se como expressão de homenagem e reconhecimento da fidelidade divina à aliança estabelecida com o povo. O autor observa que “Curvar-se diante do Senhor era uma expressão de gratidão e humilde submissão a Deus como salvador, provedor e sustentador”. (Peterson, 2019, p. 52)

Da mesma forma, em Neemias 8.6, o povo inclina-se diante do Senhor durante a leitura da Lei realizada por Esdras, demonstrando reverência diante da autoridade divina manifestada por meio das Escrituras. Nesse caso, o gesto cútico evidencia não apenas emoção religiosa, mas reconhecimento da soberania de Deus sobre seu povo.

A compreensão veterotestamentária da adoração encontra continuidade no Novo Testamento por meio do termo *proskuneō*, que preserva a ideia de reverência, submissão e prostração diante de alguém superior. O pastor e doutor Russell Shedd

destaca que o conceito bíblico de adoração não se limita a uma prática externa ou litúrgica, mas expressa entrega, humildade e reconhecimento da soberania divina.

Segundo o autor:

“O NT destaca a palavra ‘adorar’ (*proskuneō* e suas cognatas — 58 vezes), entre cinco mil termos relacionados com o culto. Originalmente significava ‘beijar’. Entre os gregos era um termo técnico que significava ‘adorar os deuses’, dobrando os joelhos ou prostrando-se [...] Colocar-se nessa posição comunicava a ideia básica de submissão.” (Shedd, 2007, p. 19)

Shedd aprofunda ainda mais essa compreensão ao afirmar: “O gesto de curvar-se diante de uma pessoa e ir até o ponto de beijar seus pés significa: ‘reconheço a minha inferioridade e a sua superioridade; coloco-me à sua inteira disposição’.” (Shedd, 2007, p. 19)

Além disso, o autor ressalta que o verbo *proskunein* foi utilizado na Septuaginta como tradução do hebraico *shachah*, preservando a mesma ideia de reverência presente no Antigo Testamento. Tal continuidade pode ser percebida nas palavras de Jesus à mulher samaritana, quando declara que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai “em espírito e em verdade” (Jo 4.23), deslocando o foco da adoração do espaço físico para a sinceridade espiritual do adorador.

Shedd também afirma, que “Mais do que inútil é o culto que desconhece aquele a quem devemos submissão e lealdade.” (Shedd, 2007, p. 19)

Assim, a adoração bíblica revela-se como uma postura de honra, reverência e entrega total diante de Deus. As cenas do Apocalipse, nas quais os anciãos se prostram diante do trono divino (Ap 4.10), bem como a resposta de Jesus a Satanás no deserto — “Ao SENHOR, teu Deus adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4.10) — reforçam que adorar significa reconhecer exclusivamente a autoridade e soberania do Senhor.

1.3 A ADORAÇÃO COMO SERVIÇO

Além da ideia de homenagem e grata submissão, a adoração bíblica também é apresentada como serviço prestado a Deus. Nesse contexto, ganha destaque o verbo grego *latreuein* e seus cognatos, frequentemente utilizados nas Escrituras para expressar fidelidade, obediência e devoção ao Senhor.

O teólogo David Peterson afirma que *latreuein* deve ser compreendido principalmente como “servir”, sendo empregado na Septuaginta especialmente em referência ao serviço religioso prestado a Deus. Diferentemente de uma concepção limitada ao momento litúrgico, a linguagem bíblica do serviço aponta para uma relação contínua de dependência e submissão ao Senhor.

Ao tratar do livro de Êxodo, Peterson demonstra que a redenção de Israel possuía finalidade essencialmente cultural e espiritual. Segundo o autor:

De acordo com o livro de Êxodo, a redenção de Israel da escravidão deveria libertar o povo para o serviço a Deus no monte onde ele se revelou inicialmente a Moisés (3.12). Repetidas vezes nos capítulos seguintes, Moisés exige que Israel sirva a Deus no deserto. Quando utiliza as expressões paralelas ‘sacrificar ao SENHOR’ [...] e ‘celebrar uma festa’, fica claro que Moisés está buscando a permissão do Faraó para que os hebreus formalizem seu relacionamento com seu Deus ao servi-lo de maneira cultural mediante ofertas sacrificiais. (Peterson, 2019, p. 58)

A partir dessa perspectiva, percebe-se que o serviço a Deus não se restringia à prática ritual, mas constituía a própria resposta do povo à libertação realizada pelo Senhor. Israel foi tirado da escravidão egípcia para pertencer exclusivamente a Deus e viver em obediência à aliança.

Peterson ressalta ainda que o serviço ao Senhor envolve toda a existência do adorador:

Servir ao SENHOR é uma expressão abrangente para o relacionamento de Israel com Deus [...] Assim, em Deuteronômio 10.12,13, ‘sirva ao SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma’ implica um modo de vida de total lealdade a Deus.” (Peterson, 2019, p. 58)

Dessa forma, a adoração bíblica não pode ser reduzida a atos externos de culto. Ela envolve fidelidade prática, temor, obediência e devoção contínua. O próprio Peterson conclui que “a terminologia de serviço implica devoção a Deus como modo de vida” (Peterson, 2019, p. 64), evidenciando que o culto verdadeiro alcança todas as dimensões da vida humana.

O Pr. Russell Shedd reforça essa compreensão ao afirmar que a adoração também deve ser entendida como serviço. Segundo o autor:

“O culto implica também em serviço (*latreia*), termo também usado por Jesus para responder ao diabo (Mt 4.10). [...] Moisés, várias vezes, pediu a permissão da parte de Faraó para deixar os israelitas partirem para servir

(*latreuein*) a Deus. Trata-se de cultuar e oferecer atos de adoração que agradem ao Deus da aliança.” (Shedd, 2007, p. 21)

Shedd demonstra que tanto no Antigo quanto no Novo Testamento a relação entre Deus e o homem conserva a ideia de submissão total ao Senhor. Essa compreensão alcança seu desenvolvimento mais profundo em Romanos 12.1, texto em que Paulo relaciona o culto à entrega integral da vida. Sobre isso, Shedd afirma:

“Somente pelas misericórdias de Deus podemos oferecer tal adoração que agrade a Deus. A vida corporal representa toda a potencialidade e a capacidade do homem, inclusive sua inteligência, energia, experiência e dedicação. Uma vez ofertado integralmente, o corpo santificado como sacrifício a Deus será aceito como culto genuíno.” (Shedd, 2007, p. 22)

Além disso, o autor enfatiza que a verdadeira adoração exige exclusividade absoluta, pois o culto pertence unicamente a Deus. Por essa razão, dividir a lealdade espiritual significa corromper o verdadeiro culto.

Portanto, a análise bíblica da adoração como serviço demonstra que o culto verdadeiro não se limita a cerimônias religiosas ou expressões litúrgicas. Adorar é viver em fidelidade, obediência e entrega contínua ao Senhor. A linguagem do serviço evidencia que a verdadeira adoração se manifesta em uma vida totalmente dedicada a Deus.

1.4 A ADORAÇÃO COMO REVERÊNCIA OU RESPEITO

Outro aspecto fundamental da adoração nas Escrituras encontra-se na ideia de reverência e respeito diante da majestade divina. David Peterson observa que, na literatura grega não bíblica, os termos derivados da raiz *seb-* eram utilizados para expressar devoção, admiração e reverência aos deuses. Segundo o autor:

As palavras *seb-* nos textos não bíblicos mais antigos indicam admiração, “seja por um grande terror, seja por algo majestoso e sublime”. Essas fontes se referem não tanto a medo e tremor, mas a recuar com respeito admirado. Reverência pelo divino, honra pelos mortos, respeito por pais ou governantes — tudo isso pode ser designado no uso dessa terminologia. (Peterson, 2019, p. 64)

Com o passar do tempo, tais vocábulos passaram a envolver não apenas um sentimento interior de reverência, mas também práticas cúlticas que manifestavam

essa devoção. Entretanto, Peterson demonstra que o Antigo Testamento apresenta uma compreensão distinta da religiosidade greco-romana. O temor do Senhor não se limita à contemplação reverente ou devoção cerimonial, mas está diretamente ligado à obediência prática à aliança divina.

Nesse sentido, Peterson afirma:

Embora o Antigo Testamento reconheça que pavor, agitação, tremor ou terror possam ser respostas apropriadas a uma revelação divina em certos contextos [...], o que normalmente vemos é o temor a Deus no sentido positivo de reverência ou respeito. Temor a Deus é guardar os seus mandamentos [...], obedecer à sua voz [...], andar em seus caminhos [...] e servi-lo. (Peterson, 2019, p. 65)

A reverência bíblica, portanto, não consiste apenas em emoção religiosa, mas em uma postura de fidelidade prática diante de Deus. Temor ao Senhor significa viver em obediência, afastando-se do mal e submetendo-se à vontade divina. Por isso, Peterson conclui que, no Antigo Testamento, “reverência ou respeito a Deus é, basicamente, uma questão de andar em seus caminhos e guardar os seus mandamentos”.

Russell Shedd complementa essa compreensão ao destacar que o vocábulo *sebein* carregava, no contexto grego, forte conotação religiosa ligada ao temor diante do divino. O autor afirma:

Em terceiro lugar, o Novo Testamento utiliza o vocábulo *sebein* (reverenciar), tendo em sua raiz o *mysterium tremendum*. O terror do SENHOR impele o pecador a afastar-se, com temor da majestade divina. As palavras que derivam desta raiz (seb) são muito frequentes na língua grega, fora da Bíblia. Transmitem a imagem característica do grego como homem religioso, devotado a seus deuses para evitar as nefastas consequências do azar. (Shedd, 2007, p. 23)

Todavia, Shedd demonstra que o Novo Testamento ressignifica essa linguagem ao conectá-la não ao medo supersticioso, mas à piedade genuína e à vida transformada. Ao comentar João 9.31, o autor escreve:

João mostra qual seria esse conteúdo: “Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus (*theosebês*) e pratica sua vontade, a este atende” (Jo 9.31). Adoração requer uma reverente preocupação com o que agrada a Deus. Viver para o diabo, e despreocupado se nosso Pai aceita ou não nosso comportamento, não pode ser a atitude do verdadeiro adorador. (Shedd, 2007, p. 23)

Percebe-se, assim, que a reverência bíblica não está separada da ética e da obediência. O verdadeiro temor do Senhor produz piedade prática, submissão à vontade divina e compromisso com a santidade. Por isso, Shedd relaciona a impiedade (*asebeia*) à rejeição da majestade de Deus e à violação de seus padrões morais.

Dessa maneira, tanto Peterson quanto Shedd demonstram que a adoração como reverência ou respeito ultrapassa expressões meramente externas de devoção. Nas Escrituras, reverenciar a Deus significa reconhecer sua santidade, submeter-se à sua vontade e viver em fidelidade diante daquele que é absolutamente santo e digno de temor.

1.5 A DEFINIÇÃO DE ADORAÇÃO: RESPOSTA DIGNA À REVELAÇÃO DE DEUS

A partir da análise exegética desenvolvida nos subcapítulos anteriores, percebe-se que a adoração bíblica não pode ser reduzida a manifestações meramente litúrgicas, musicais ou emocionais. Nas Escrituras, adorar envolve reverência, submissão, serviço e temor diante da revelação do próprio Deus. A adoração surge como resposta natural daquele que contempla quem Deus é, reconhecendo sua majestade, santidade, bondade, soberania e seus atos redentores na história.

Os vocábulos analisados ao longo do capítulo apontam para essa compreensão. O termo hebraico *hištaḥwâ* e o grego *proskynein* evidenciam a ideia de inclinar-se em homenagem e submissão diante daquele que é superior. Já os termos *latreuein* e *latreia* demonstram que a adoração também se manifesta como serviço obediente e entrega total da vida a Deus. Por fim, a linguagem relacionada ao temor do Senhor revela que a verdadeira adoração envolve reverência prática, expressa em obediência, fidelidade e devoção sincera.

Nesse sentido, David Peterson afirma que os gestos de reverência presentes no Antigo Testamento eram respostas concretas à manifestação do caráter e das obras de Deus. O autor conclui:

Assim, consistia em um reconhecimento do caráter revelado de Deus, e não apenas de sua presença. Às vezes, estava associado a uma explosão de louvor, mas, em outras, o gesto por si só parecia ser suficiente para

expressar a confiança e a gratidão dos adoradores. Até mesmo em contextos mais formais e de culto, o gesto de inclinar-se diante do SENHOR era normalmente uma resposta a alguma lembrança de seu caráter e propósitos. (Peterson, 2019, p. 55)

Essa compreensão demonstra que a adoração nasce da revelação divina. O homem responde em reverência porque Deus primeiro se revelou. Quanto maior a compreensão acerca da natureza, da santidade e das obras de Deus, mais profunda tende a ser a resposta adoradora.

Nesse contexto, D. A. Carson apresenta uma definição extremamente abrangente e teologicamente consistente acerca da adoração: “A adoração é a resposta adequada de todos os seres morais e sensíveis a Deus, atribuindo de maneira agradável toda a honra e o valor ao seu Deus criador precisamente porque ele é digno.” (Carson, 2023, p. 25)

A definição de Carson evidencia que a adoração não se fundamenta primariamente na experiência humana, mas na dignidade do próprio Deus. Deus é adorado porque é digno de ser adorado. Sua glória, majestade, santidade e perfeição constituem o fundamento da verdadeira adoração.

O Pr. Russell Shedd segue a mesma linha ao afirmar que a adoração está diretamente relacionada ao conhecimento de Deus e à contemplação de sua revelação em Cristo. O autor declara:

“Concluimos que adorar a Deus é comparável ao processo de através da fé e do conhecimento da pessoa a Deus, transmitidos ao coração que o busca, e pela meditação sobre os seus atributos, demonstrados na carne de Jesus.” (Shedd, 2007, p. 43)

Dessa forma, a adoração bíblica não pode ser separada da revelação divina. Não existe verdadeira adoração onde Deus não é conhecido. A contemplação de seus atributos como santidade, amor, justiça, soberania, misericórdia e graça conduz o adorador à reverência, ao temor, ao serviço e à entrega.

Ao longo das Escrituras, sempre que homens e mulheres foram confrontados pela revelação de Deus, a resposta foi adoração. Isaías prostra-se diante da santidade divina (Is 6.1-5); os discípulos adoram Cristo após testemunharem seu poder sobre o mar (Mt 14.33); Tomé exclama: “Senhor meu e Deus meu” (Bíblia Sagrada, 2011, João 20:28) diante da revelação do Cristo ressurreto; e, no

Apocalipse, os anciãos lançam suas coroas diante do trono em reconhecimento da dignidade absoluta de Deus (Ap 4.10-11).

Portanto, pode-se concluir que a adoração é a resposta digna, reverente e obediente à revelação de quem Deus é e daquilo que Ele fez. Ela envolve homenagem, submissão, serviço, temor, gratidão e entrega total da vida. A verdadeira adoração não nasce primariamente da música, da liturgia ou das emoções humanas, mas do conhecimento de Deus revelado nas Escrituras e plenamente manifestado em Jesus Cristo.

2 O LOUVOR CRISTÃO

Após compreender a adoração como resposta integral à revelação de Deus, torna-se necessário analisar mais especificamente o louvor dentro da experiência cristã. Embora frequentemente utilizados como sinônimos no contexto evangélico contemporâneo, os conceitos de adoração e louvor possuem distinções importantes tanto do ponto de vista bíblico quanto teológico. Assim, este capítulo buscará apresentar a natureza do louvor cristão, suas expressões nas Escrituras e seu desenvolvimento ao longo da história da redenção. Para isso, serão abordadas a diferença entre louvor e adoração, os principais termos bíblicos relacionados ao louvor e a maneira como o povo de Deus expressou louvor desde o Antigo Testamento até a igreja primitiva, evidenciando que o louvor ocupa lugar central na vida espiritual e comunitária do povo de Deus.

2.1 LOUVOR E ADORAÇÃO: DISTINÇÕES CONCEITUAIS E TEOLÓGICAS

No contexto evangélico contemporâneo, especialmente nas igrejas influenciadas pelo movimento *worship*, tornou-se comum o uso dos termos “louvor” e “adoração” como sinônimos absolutos. Expressões como “momento de louvor e adoração” passaram a fazer parte da linguagem litúrgica das igrejas, frequentemente sem qualquer distinção bíblico-teológica entre ambos. Como consequência, a adoração acabou reduzida apenas ao momento musical do culto, empobrecendo sua profundidade bíblica e teológica. Diante disso, torna-se necessário compreender

que, embora estejam intimamente relacionados, louvor e adoração não são conceitos idênticos.

Biblicamente, o louvor possui um caráter mais específico. Louvar significa elogiar, exaltar, celebrar e atribuir valor a alguém. Nesse sentido, o pastor e ministro de louvor Bob Sorge, em seu livro *O Coração do Louvor e da Adoração*, define o louvor afirmando:

Louvor é a mais sincera e franca exaltação à pessoa de Deus e às suas obras. [...] Algumas definições para louvor encontradas no dicionário destacam sua simplicidade: elogiar, aplaudir, expressar aprovação ou admiração; exaltar com palavras ou música, magnificar, glorificar. (Sorge, 2019, p. 11)

A partir dessa definição, percebe-se que o louvor está diretamente ligado à proclamação da dignidade divina. Louvar é reconhecer publicamente quem Deus é, exaltando Seu caráter, Seus atributos e Suas obras. O louvor, portanto, possui natureza declarativa e celebrativa. O salmista expressa essa realidade ao declarar: “Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado” (Sl 48.1).

Bob Sorge também enfatiza que o louvor possui necessariamente uma dimensão externa e perceptível:

Enquanto a adoração pode ser interna e contemplativa, o louvor é sempre expressivo e extrovertido em sua natureza. É caracterizado pela celebração e a alegria que são expressas através de canções, aclamações, falar em público, tocar instrumentos musicais, dança e outras formas externamente visíveis. (Sorge, 2019, p. 11)

Dessa forma, o louvor não permanece apenas no campo da contemplação silenciosa. Ele se manifesta por meio da voz, das palavras, da música e das expressões corporais. Por isso, Sorge afirma ainda:

Meditação não é louvor. Aquele que medita e contempla as maravilhas de Deus ainda não chegou ao louvor. Para serem classificados como louvor, os pensamentos devem ser postos em ação. Algo tem que ser falado ou demonstrado, caso contrário não é louvor. (Sorge, 2019, p.12)

Essa compreensão encontra fundamento em diversos textos bíblicos. O Salmo 66.8 declara: “Bendizeis, povos, ao nosso Deus e fazei ouvir a voz do seu louvor”. Já o Salmo 150 convoca o povo de Deus a louvá-Lo com instrumentos,

danças e celebração coletiva. O louvor bíblico, portanto, envolve a expressão pública da glória divina.

Entretanto, embora todo louvor seja uma forma de adoração, nem toda adoração se resume ao louvor. Os ministros de louvor Danielly e Fábio Bravo observam em sua obra *Cultura de Louvor* que existe uma confusão recorrente entre esses conceitos dentro da cultura evangélica contemporânea:

Louvor e adoração, ainda que sejam conceitos que se encontram, possuem significados diferentes. [...] O louvor é uma expressão de adoração. Louvor na Bíblia está relacionado a expressões físicas de adoração (Sl 149:3; Sl 47:1). (Bravo, 2023, p. 30)

Os autores demonstram que o louvor constitui uma expressão específica da adoração, especialmente ligada à celebração visível e verbal da grandeza de Deus. Já a adoração possui um sentido mais amplo e abrangente:

O sentido do termo adoração é muito mais amplo. Costumamos definir a adoração como a resposta que damos à revelação que temos de quem Deus é e de Suas obras. Essa resposta pode ser expressa de incontáveis maneiras em nossa jornada, em um culto ou numa mesa de jantar, trabalhando em um escritório ou pregando em uma catedral. (Bravo, 2023, p. 30)

Assim, a adoração envolve toda a vida do cristão. Ela não se limita à música, ao culto congregacional ou às canções entoadas pela igreja. O apóstolo Paulo expressa essa verdade em Romanos 12.1, ao afirmar que o verdadeiro culto consiste em apresentar o corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Da mesma forma, Jesus declara em João 4.23 que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade.

Portanto, pode-se afirmar que o louvor é uma manifestação específica da adoração. Louvar é adorar por meio da exaltação pública, da celebração, das declarações e das expressões visíveis de honra ao Senhor. A adoração, porém, ultrapassa o louvor, abrangendo toda a existência rendida a Deus. Nem toda adoração é louvor, mas todo verdadeiro louvor é, necessariamente, um ato de adoração.

2.2 AS EXPRESSÕES DE LOUVOR

Quando as Escrituras tratam do louvor, não o fazem de maneira superficial ou meramente conceitual. O vocábulo “louvor”, nas traduções modernas, frequentemente reduz uma riqueza semântica presente no texto hebraico veterotestamentário. Assim como diferentes palavras gregas foram traduzidas genericamente como “amor”, diversos termos hebraicos relacionados ao louvor acabaram condensados em uma única expressão. Contudo, a análise lexicográfica demonstra que cada palavra carrega nuances específicas acerca da forma como o povo de Deus respondia à revelação divina.

Nesse sentido, o louvor bíblico não se restringe à dimensão musical, tampouco se limita a um estado emocional privado. Trata-se de uma resposta integral do ser humano à glória de Deus, envolvendo mente, corpo, emoções, vontade e comunidade. A adoração no Antigo Testamento possui caráter profundamente psicossomático: o corpo participa daquilo que a alma contempla. O louvor, portanto, não é apenas pronunciado; ele é corporificado.

Além disso, as expressões de louvor revelam que Deus não apenas aceita ser adorado, mas também estabelece nas Escrituras, princípios acerca da maneira como Seu povo deve responder à Sua majestade. Em uma cultura marcada pelo individualismo contemporâneo, em que prevalece a ideia de que cada indivíduo pode expressar-se “como quiser”, a teologia bíblica do louvor confronta o homem autocentrado e reafirma que o culto pertence primariamente a Deus, não ao adorador. Como declara o salmista: “Tributai ao Senhor glória e força” (Bíblia, 2011, Salmos 96:7). O louvor, portanto, é tributo, oferta e resposta pactual.

A partir dessa perspectiva, torna-se fundamental compreender as principais expressões hebraicas relacionadas ao louvor no Antigo Testamento.

2.2.1 *Halal* (הלל): a celebração exuberante da glória divina

O termo *halal* é uma das raízes hebraicas mais recorrentes para louvor, sendo também a origem da expressão *Hallelujah* (“Aleluia”). Semanticamente, relaciona-se à ideia de brilho, visibilidade e exaltação pública. Seu sentido primário não é simplesmente “cantar”, mas tornar a glória de Deus manifesta diante dos homens.

Frequentemente, interpretações populares reduzem *halal* à ideia de “agir como louco”. Contudo, linguisticamente, a melhor compreensão é a de uma exaltação pública e efusiva que transcende o decoro social em função da grandeza do objeto adorado. Trata-se de uma celebração intensa, vibrante e jubilosa diante da majestade divina.

Essa expressão pode ser observada de maneira emblemática na narrativa do retorno da arca da aliança para Jerusalém (2Sm 6). Davi, tomado por profunda alegria diante da presença de Deus, dança e celebra intensamente perante o Senhor. Sua atitude é julgada por Mical, mas defendida pelo próprio rei: “Foi perante o Senhor que eu dancei [...] perante o Senhor celebrarei e me rebaixarei ainda mais” (Bíblia Sagrada, 2011, 2 Samuel 6:21-22).

Nesse contexto, *halal* revela-se como o louvor apaixonado de alguém cuja percepção da glória divina supera as convenções sociais. O Salmo 150 ecoa essa mesma perspectiva ao convocar toda a criação para celebrar a Deus com instrumentos, danças e júbilo. O louvor, aqui, assume caráter expansivo, público e contagiante.

2.2.2 *Yadah* (יָדָה): a confissão e rendição diante de Deus

Segundo o Léxico Strong, o termo *yadah* deriva de *yad* (“mão”) e comunica a ideia de reconhecimento, confissão e entrega. Embora costumeiramente associado ao ato de levantar as mãos, seu significado vai além de um gesto litúrgico específico. No hebraico bíblico, *yadah* pode significar tanto confessar pecados quanto confessar os atributos e a soberania de Deus.

Assim, o levantar das mãos não representa mero simbolismo ritualístico, mas uma expressão visível de rendição, dependência e reconhecimento público da majestade divina. Trata-se de uma resposta da criatura diante da glória do Criador.

Os Salmos frequentemente relacionam *yadah* às ações de graças e à exaltação comunitária: “Louvem-te (*yadah*) os povos, ó Deus; louvem-te todos os povos” (Bíblia Sagrada, 2011, Salmos 67:3).

Há, portanto, um aspecto congregacional no *yadah*. O povo reunido reconhece coletivamente a dignidade de Deus. Além disso, essa expressão não depende exclusivamente das emoções humanas. O salmista declara em meio à

angústia: “Por que estás abatida, ó minha alma? [...] ainda o louvarei” (Bíblia Sagrada, 2011, Salmos 42:5).

Nesse sentido, *yadah* é também um ato de fé. O adorador ergue as mãos não apenas quando sente, mas porque conhece quem Deus é.

2.2.3 Towdah (תודה): o sacrifício de ações de graças

Segundo o Léxico Strong, o termo *towdah* deriva de *yadah* e refere-se, originalmente, à oferta de ações de graças apresentada no contexto sacrificial do Templo (Lv 7.12-15). Mais do que gratidão subjetiva, *towdah* representa a gratidão formalizada em rito, muitas vezes associada à celebração de um livramento recebido ou à confiança antecipada na fidelidade da aliança divina.

O Salmo 100 expressa claramente essa dimensão litúrgica: “Entrai por suas portas com ações de graças (*towdah*)” (Bíblia Sagrada, 2011, Salmos 100:4).

Dessa forma, *towdah* revela o louvor como sacrifício. O adorador oferece gratidão não apenas em momentos de vitória, mas também em meio à dor e à espera. É o louvor da fé perseverante.

Essa compreensão aproxima-se da exortação neotestamentária acerca do sacrifício de louvor de Hebreus 13.15. O louvor bíblico não está condicionado ao estado emocional humano, mas fundamentado na constância do caráter de Deus.

2.2.4 Barak (בָּרַךְ): a reverência que se curva diante da majestade

Enquanto *halal* possui caráter expansivo e exuberante, *barak* comunica submissão e reverência. O termo relaciona-se etimologicamente a *berekh* (“joelho”) e descreve o ato de ajoelhar-se para bendizer.

Quando o homem “bendiz” a Deus em *barak*, reconhece-O como fonte de toda bênção. É uma postura de reverência, fascínio e humildade diante do Rei soberano. O Salmo 103 utiliza esse termo ao declarar “Bendize (*barak*), ó minha alma, ao Senhor” (Bíblia Sagrada, 2011, Salmos 103:1).

Em Apocalipse 4, essa postura alcança sua expressão máxima quando os vinte e quatro anciãos se prostram diante do trono e lançam suas coroas diante de Deus. O louvor, nesse caso, não é apenas verbal, mas corporalmente reverente.

Assim, *barak* evidencia que o corpo participa da adoração. O ajoelhar-se torna-se sinal visível da rendição interior.

2.2.5 *Zamar* (זָמַר): a musicalidade como expressão sagrada

O Léxico Strong afirma que verbo *zamar* refere-se especificamente ao fazer musical acompanhado por instrumentos, especialmente instrumentos de cordas. O termo comunica a ideia de dedilhar, tocar e cantar.

Diferentemente de concepções que opõem técnica e espiritualidade, *zamar* demonstra que a musicalidade técnica integra legitimamente o culto bíblico. O louvor não é estritamente vocal; ele também é instrumental.

O salmista declara: “Com o saltério e instrumento de dez cordas te cantarei louvores (*zamar*)” (Bíblia Sagrada, 2011, Salmos 144:9).

A música, portanto, não é mero adorno litúrgico, mas linguagem de exaltação. O próprio céu é descrito nas Escrituras como ambiente saturado de canções e adoração contínua (Ap 4.8).

As compositoras norte-irlandesas Keith e Kristyn Getty (2018, p.32) observam: “Há mais de quatrocentas referências sobre cantar na Bíblia e, pelo menos, cinquenta ordens diretas. Não devemos ignorar a ordem por não gostarmos da música ou das pessoas que estão cantando.”

Nesse sentido, *zamar* fundamenta biblicamente a utilização da arte musical no culto cristão e demonstra que criatividade, excelência e instrumentalidade podem servir legitimamente à glorificação divina.

2.2.6 *Shabach* (שָׁבַח): o grito de triunfo

Para o Léxico Strong, o termo *shabach* significa proclamar em alta voz, aclamar ou bradar em triunfo. Trata-se da dimensão audível e intensa do louvor bíblico. Enquanto algumas expressões de louvor são silenciosas e contemplativas, *shabach* manifesta-se como proclamação vigorosa da soberania e dos feitos de Deus. O Salmo 63:3 afirma: “Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam”, enquanto o Salmo 145:4 declara: “Uma geração louvará as tuas obras à outra geração, e anunciará as tuas proezas”.

Etimologicamente, *shabach* carrega a ideia de enaltecer, glorificar e proclamar publicamente a grandeza divina. Diferentemente de formas mais introspectivas de louvor, essa expressão possui caráter declarativo e comunitário, tornando o louvor um testemunho audível da fidelidade de Deus. Assim, *shabach* não descreve apenas intensidade emocional, mas a resposta de quem contempla a majestade divina e anuncia Suas obras poderosas às gerações seguintes.

2.2.7 Tehillah (תהלה): o cântico espontâneo que flui da experiência com Deus

Derivado de *halal*, o termo *tehillah* refere-se ao hino ou cântico de louvor. Contudo, sua nuance aponta especialmente para o louvor espontâneo que brota da experiência viva com Deus.

O Salmo 40.3 declara: “Pôs um novo cântico (*tehillah*) na minha boca.”

Já o Salmo 22.3 apresenta uma das declarações mais significativas acerca desse termo: “Tu és santo, entronizado entre os louvores (*tehillah*) de Israel.”

A tradição teológica contemporânea frequentemente associa *tehillah* ao cântico espiritual espontâneo, entendido como resposta imediata da alma à presença divina. Trata-se do louvor que emerge da contemplação, da comunhão e da experiência pessoal com Deus.

No Novo Testamento, Paulo aproxima-se dessa perspectiva ao exortar a igreja a cantar “salmos, hinos e cânticos espirituais” (Bíblia Sagrada, 2011, Colossenses 3:16 e Efésios 5:19). Assim, *tehillah* evidencia que o louvor bíblico não se limita à repetição litúrgica formal, mas inclui espontaneidade reverente e resposta afetiva à ação do Espírito.

2.2.8 Síntese do Tópico

Dessa maneira, as expressões hebraicas de louvor demonstram que o culto bíblico envolve múltiplas dimensões da existência humana. O louvor pode manifestar-se em celebração jubilosa, gratidão sacrificial, musicalidade técnica, proclamação triunfante ou espontaneidade contemplativa. Todas essas expressões, contudo, convergem em um mesmo propósito: glorificar a Deus como resposta adequada à revelação de Sua majestade.

2.3 O LOUVOR NA HISTÓRIA BÍBLICA DA REDENÇÃO

O louvor ocupa lugar central em toda a narrativa das Escrituras, manifestando-se como resposta do povo de Deus à Sua revelação, aos Seus atos redentivos e à Sua majestade soberana. Ao longo da história bíblica da redenção, o louvor não aparece apenas como elemento litúrgico isolado, mas como expressão contínua da relação entre Deus e Seu povo.

Desde o Antigo Testamento, em que o louvor se desenvolve no contexto da criação, da aliança e do culto israelita, até o Novo Testamento, em que Cristo se torna o centro e o cumprimento definitivo da adoração, percebe-se uma progressão teológica que revela o louvor como resposta natural à obra salvadora de Deus.

Dessa forma, torna-se necessário analisar como o louvor é apresentado em cada etapa da revelação bíblica, compreendendo seu desenvolvimento histórico, teológico e litúrgico dentro da narrativa redentiva das Escrituras.

2.3.1 O LOUVOR NO ANTIGO TESTAMENTO

O louvor no Antigo Testamento ocupa lugar central na relação entre Deus e o Seu povo. Desde os primeiros registros veterotestamentários, observa-se que a adoração não era compreendida apenas como prática litúrgica isolada, mas como resposta da comunidade da aliança diante da revelação, da santidade e dos atos redentivos de *Yahweh*. Nesse contexto, o louvor aparece vinculado à memória dos feitos divinos, à celebração da fidelidade pactual de Deus e à expressão pública da fé de Israel.

Os textos veterotestamentários demonstram que a música e o louvor acompanhavam os principais acontecimentos da história da redenção. Após a travessia do Mar Vermelho, Moisés e o povo entoaram um cântico celebrando a vitória do Senhor sobre os egípcios. Miriã, juntamente com outras mulheres, respondeu ao cântico com instrumentos e celebração coletiva (Bíblia Sagrada, 2011, Êxodo 15:1-21).

Pr. Elildes Junio M. Fonseca (2026, p. 45) em sua obra *Culto Cristão* afirma que esse episódio constitui “um primitivo cântico religioso lindíssimo, acompanhado de instrumentos e de uma responsiva antifona”, evidenciando a associação entre música, memória e intervenção divina.

Além disso, o louvor estava profundamente ligado à estrutura cultural de Israel. Davi organizou músicos e levitas para o serviço no tabernáculo, estabelecendo uma ordem ministerial voltada à celebração da presença de Deus (1Cr 15.16; 15.28). Fonseca destaca que Davi “dava à música um lugar de destaque” (Fonseca, 2026, p. 45), sendo a condução da arca da aliança marcada por júbilo, instrumentos e cânticos. Posteriormente, na dedicação do templo construído por Salomão, novamente a música ocupa posição central no culto (2Cr 5), demonstrando que o louvor possuía função litúrgica, comunitária e teológica.

O livro dos Salmos representa o ápice dessa tradição de louvor no Antigo Testamento. Conforme o material da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, o Saltério recebe, na tradição hebraica, o nome *Tehilim*, isto é, “Livro dos Louvores” (FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO, 2024, p. 7). Já o termo grego *Psalmoi* relaciona-se a cânticos acompanhados por instrumentos de cordas. Essa nomenclatura evidencia que o louvor israelita possuía caráter poético-musical e estava intimamente associado à experiência cúlta do povo de Deus.

Os Salmos revelam também a amplitude teológica do louvor veterotestamentário. Hans-Joachim Kraus, citado por Denise Frederico (2007, p. 50-52), classifica os salmos em diferentes categorias, como hinos de louvor, cânticos de oração, ações de graças, salmos reais, cânticos de Sião e salmos didáticos. Tal diversidade demonstra que o louvor bíblico não se restringia a celebrações festivas, mas abrangia toda a experiência humana diante de Deus. O próprio Saltério contém hinos de exaltação, súplicas, lamentações e poemas de meditação, revelando que o louvor estava presente tanto na alegria quanto no sofrimento do povo da aliança.

Outro aspecto fundamental é que o Antigo Testamento associa o louvor à santidade e à obediência. Os profetas denunciaram repetidamente um culto exterior desvinculado de justiça e fidelidade. Em Amós 5.21-24, Deus rejeita cânticos e solenidades desacompanhados de retidão moral. Sobre isso, Fonseca (2026, p. 46) afirma que “o que Deus pede para que o culto seja aceito é santidade”. Assim, percebe-se que o louvor aceitável não dependia primariamente da estética musical, mas da integridade espiritual do adorador.

Por fim, o louvor no Antigo Testamento deve ser compreendido como expressão integral da aliança entre Deus e Israel. Ele envolve música, proclamação, reverência, gratidão e celebração comunitária. Mais do que mero elemento litúrgico,

o louvor constituía resposta teológica aos atos salvadores de Deus na história, preparando o fundamento para a compreensão neotestamentária da adoração cristã.

2.3.2 O LOUVOR NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, o louvor assume uma dimensão ainda mais profunda e redentiva, centrada na pessoa e na obra de Cristo. Se no Antigo Testamento o louvor estava fortemente associado ao templo, aos sacrifícios e às celebrações nacionais de Israel, na Nova Aliança ele passa a ser compreendido à luz da consumação realizada por Jesus, tornando-se expressão espiritual da vida da Igreja.

O culto cristão deixa de estar limitado a um espaço geográfico específico e passa a ser caracterizado pela adoração “em espírito e em verdade” (Jo 4.23), fundamentada na revelação plena de Deus em Cristo.

O professor Wayne Grudem destaca que a adoração neotestamentária está diretamente ligada à presença de Deus entre o seu povo e ao propósito eterno da Igreja. Nesse sentido, afirma:

O chamado do evangelho é um chamado à adoração, a voltar-se do pecado e invocar o nome do Senhor. [...] O retrato da igreja como assembleia adoradora não é apresentado em lugar algum de maneira mais poderosa do que pelo autor da Carta aos Hebreus (12.18-29). [...] Em nossa adoração, na igreja de Cristo, aproximamo-nos do trono de Deus, o juiz de todos. Adentramos a assembleia festiva dos santos e dos anjos. (Grudem, 2022, p. 1345)

Assim, o louvor no Novo Testamento não é meramente um elemento litúrgico, mas uma resposta espiritual daqueles que foram alcançados pela graça de Cristo. A centralidade do louvor deixa de estar em ritos externos e passa a envolver a totalidade da vida do crente, sendo expressão contínua de gratidão, comunhão e proclamação da obra redentora de Jesus.

Russell Shedd enfatiza que o louvor cristão da Nova Aliança ultrapassa os limites cerimoniais do Antigo Pacto e se manifesta na própria dinâmica espiritual da Igreja. Ao tratar da adoração cristã, o autor afirma:

Em Hebreus também, a adoração oferecida em louvor e gratidão, expressas durante as reuniões da igreja, pertencem à categoria de sacrifício. ‘Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome’ (13.15). [...] Somente através de Jesus o louvor pós-crucificação da igreja pode ser elevado como sacrifício.

Em união vital com Cristo, o sumo sacerdote da nova ordem, todos os cristãos podem oferecer adoração verbal através de proclamação e cântico. (Shedd, 2007, p. 196)

Dessa forma, o louvor no Novo Testamento possui caráter essencialmente cristocêntrico. Cristo não apenas é o mediador do culto, mas também o fundamento pelo qual a Igreja pode oferecer “sacrifício de louvor” agradável a Deus. O louvor torna-se, portanto, resposta da comunidade redimida que reconhece, celebra e proclama a suficiência da obra de Cristo.

O evangelista Lucas registra diversos cânticos relacionados ao nascimento de Cristo, evidenciando que o louvor ocupa posição fundamental desde o início da revelação neotestamentária. Fonseca observa:

No Evangelho de Lucas, capítulos 1 e 2, são encontrados os chamados ‘cânticos de infância’: o de Maria, conhecido como Magnificat (1.46-55); o de Zacarias, conhecido como Benedictus (1.68-79); o dos anjos, que ficou conhecido como Gloria in Excelsis Deo (2.14); o de Simeão, também denominado Nunc dimittis (2.29-32). Todos esses cânticos registrados por Lucas foram entoados quando do nascimento de Jesus, baseados em textos do Antigo Testamento. (Fonseca, 2026, p. 49)

Além disso, o próprio Cristo participou da prática do louvor juntamente com seus discípulos. Após a celebração da última ceia, Jesus entoou hinos antes de dirigir-se ao Getsêmani (Bíblia Sagrada, 2011, Mateus 26:30), demonstrando que o louvor também fazia parte da espiritualidade ensinada e vivida por Ele.

A igreja primitiva igualmente desenvolveu uma vida marcada pelo louvor coletivo, pela oração e pela comunhão. Em Atos 2.46-47, os cristãos perseveravam diariamente louvando a Deus, evidenciando que o louvor não se restringia a encontros formais, mas constituía expressão contínua da vida comunitária. Paulo reforça essa compreensão ao instruir a Igreja a ensinar e admoestar com salmos, hinos e cânticos espirituais (Bíblia Sagrada, 2011, Colossenses 3:16), demonstrando o valor doutrinário e edificador do louvor congregacional.

Shedd também destaca que o louvor na Igreja Primitiva não estava limitado aos momentos formais de reunião, mas abrangia toda a vida comunitária dos cristãos:

As expressões de adoração nas reuniões das igrejas nos lares deviam ser marcadas com ‘salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo’ (Ef 5.19-20). [...] Paulo não faz qualquer divisão

importante entre o culto de adoração da comunidade e as atividades diárias comuns. (Shedd, 2007, p. 197)

Portanto, o louvor no Novo Testamento revela-se como manifestação espiritual da nova vida em Cristo e elemento fundamental da identidade da Igreja. Mais do que expressão musical ou prática litúrgica, o louvor torna-se resposta da comunidade redimida à obra salvífica de Jesus, sendo proclamado através da comunhão, da gratidão, da proclamação do evangelho e da entrega integral da vida a Deus.

3 O CULTO BATISTA

A compreensão do louvor e da adoração no contexto batista está diretamente relacionada à forma como o culto foi historicamente desenvolvido pela denominação.

Os fundamentos bíblicos, teológicos e eclesiológicos presentes na tradição batista influenciaram não apenas a estrutura das celebrações, mas também a maneira como a igreja compreende a centralidade da Palavra, a participação congregacional e a expressão do louvor no culto coletivo.

Assim, este capítulo busca analisar aspectos históricos e litúrgicos que contribuíram para a formação do culto batista e para o desenvolvimento de sua prática de adoração.

3.1 A HISTÓRIA BATISTA

A prática do louvor e da adoração nas igrejas batistas foi moldada a partir de elementos históricos que influenciaram profundamente a identidade da denominação.

Desde suas origens, o movimento batista desenvolveu convicções relacionadas à autoridade das Escrituras, à liberdade da igreja local e à centralidade da proclamação bíblica, aspectos que contribuíram diretamente para a formação de sua compreensão cültica. Dessa forma, torna-se necessário compreender alguns elementos históricos ligados ao surgimento e desenvolvimento da tradição batista.

3.1.1 A Influência Reformada

O desenvolvimento histórico do culto e da teologia batista insere-se no panorama das transformações eclesiais iniciadas no século XVI. Embora as correntes historiográficas diverjam sobre as origens institucionais, oscilando entre o sucessionismo (Teoria J-J-J)¹ e o parentesco anabatista com o separatismo inglês, a interface com o pensamento reformado é inegável.

Nos primórdios da Reforma, os próprios líderes protestantes flertaram com premissas que mais tarde fundamentaram o culto batista. Conforme aponta o historiador e professor John T. Christian (2020, p. 173) em sua obra *Uma História dos Batistas*, “A princípio, os Reformadores estavam dispostos a tomar o lado Batista da controvérsia e a negar a necessidade do batismo infantil.”

Contudo, por conveniências de ordem política e de afirmação de Estados nacionais, o protestantismo magisterial optou por reter o pedobatismo e a estrutura da Igreja Estatal.

Figuras como Martinho Lutero e João Calvino reconheciam explicitamente a validade e a anterioridade histórica das práticas que os batistas defendiam. Calvino, por exemplo, admitiu que “a palavra significa imergir, e é certo que o rito de imersão foi observado na igreja antiga” (Christian *apud* Calvino, 2020, p. 186).

Desse modo, o movimento batista absorveu a herança teológica da Reforma no que tange à soteriologia e à rejeição ao aparato sacramental católico romano, mas radicalizou a liturgia e a eclesiologia ao exigir que a experiência de fé precedesse formalmente o ingresso na comunidade cúltica.

3.1.2 Os Separatistas Ingleses

A vertente historiográfica mais amplamente aceita no ambiente acadêmico contemporâneo situa a emergência dos batistas como um desdobramento direto do movimento puritano e separatista inglês do século XVII. Sob o peso das severas perseguições promovidas pelo Estado inglês e pela hierarquia anglicana capitaneada por figuras repressoras como o arcebispo John Whitgift, cujas diretrizes

¹ Esta teoria, referida como Jerusalém, Jordão e João Batista, defende que as igrejas batistas não surgiram com a Reforma Protestante, mas sim que existe uma sucessão ininterrupta de igrejas “batistas” (com princípios batistas) desde a época de Jesus.

visavam forçar a conformidade à Igreja Nacional, grupos de dissidentes buscaram refúgio no continente.

A historiografia documenta que a igreja nasceu quando um grupo de refugiados ingleses foi para a Holanda em busca de liberdade religiosa em 1608; o grupo era liderado por John Smyth, um clérigo, e Thomas Helwys, um advogado. Foi nesse contexto de exílio, especificamente em Amsterdã, no ano de 1609, que se organizou uma comunidade pautada por convicções legitimamente batistas.

A ruptura litúrgica perpetrada por Smyth e Helwys redefiniria a eclesiologia da época. Rejeitando a sucessão apostólica institucional e as tradições vigentes, eles reintroduziram o batismo de adultos sob a premissa de que a verdadeira igreja deve ser composta estritamente por crentes regenerados.

Helwys, inclusive, retornaria a Londres por volta de 1611-12 para estabelecer a primeira congregação de batistas gerais em solo inglês, consolidando um modelo de culto inteiramente desvinculado das amarras estatais e clericais tradicionais.

3.1.3 A Autonomia e Soberania da Igreja Local

Uma das marcas eclesiológicas e litúrgicas mais distintivas da tradição batista é a autonomia da igreja local exercida sob um governo democrático. Historicamente, essa descentralização governamental e cútica foi herdada e refinada a partir dos confrontos com o modelo episcopal.

Essa autonomia confere a cada congregação a prerrogativa e a responsabilidade de "estabelecer o seu Plano de Trabalho, seus métodos para alcançar os alvos propostos; tudo isso sem interferência ou ingerência de outra Igreja, líderes ou Denominação" (Sanches, 1986, p. 47).

No entanto, a correta compreensão desse princípio exige um equilíbrio teológico preciso. A soberania e a autonomia locais não justificam o isolamento ou o individualismo estéril, pois "uma Igreja Batista reconhece que precisa da cooperação de suas co-irmãs para expandir o Reino de Deus" (Sanches, 1986, p. 48).

O legítimo culto batista pressupõe que o governo democrático seja a expressão prática de um "salvo conscientizado", cujo entendimento do "senhorio absoluto de Jesus Cristo leva o membro da Igreja a glorificar o Senhor da Igreja e não a si mesmo" (Sanches, 1986, p. 108).

Esse entendimento foi incorporado à própria Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, que, em sua introdução estabelece como um de seus princípios fundamentais, “o conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas”.

Da mesma forma, ao tratar sobre a igreja no Artigo VIII, afirma que “as igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo”.

Assim, a autonomia da igreja local, na compreensão batista, não se fundamenta em independência absoluta ou isolamento eclesiástico, mas na responsabilidade espiritual e bíblica de conduzir sua vida cúllica, doutrinária e ministerial sob a autoridade das Escrituras e o senhorio de Cristo sobre a Igreja.

3.1.4 A Centralidade da Palavra

Intimamente ligada à autonomia cúllica e à herança reformada está a centralidade absoluta das Escrituras como única regra de fé e prática. No culto batista, a Palavra não atua apenas como um componente litúrgico secundário, mas como o próprio princípio regulador e o dique protetor contra desvios teológicos.

A estabilidade de uma igreja local depende diretamente de sua firmeza na exposição e na obediência bíblica, uma vez que “todas as vezes que uma Igreja se deixa enfraquecer Doutrinariamente, abre flancos nas demais agências do Reino e gera condições para perdas irreparáveis”. (Sanches, 1986, p. 48)

Historicamente, os batistas sempre se posicionaram como os “homens da Bíblia”, ecoando o legado de movimentos pré-reformadores como os Lollardos, cujo artigo básico de fé estipulava “que a fé deve preceder o batismo” com base no exame estrito das Escrituras. Essa primazia da Palavra exige critérios rigorosos na admissão de membros e no ensino sistemático, sob pena de a congregação perder a sua própria identidade identitária.

Através de um compromisso sistemático, sério e responsável com o texto sagrado, os batistas historicamente construíram diques resistentes a todas as investidas heréticas, garantindo que a adoração comunitária permaneça purificada de inovações humanas e firmada nas promessas indestrutíveis de Cristo.

3.2 A LITURGIA DO CULTO BATISTA

A liturgia no culto batista possui características próprias desenvolvidas ao longo da história da denominação. Embora os batistas defendam historicamente a autonomia da igreja local, percebe-se a existência de uma identidade litúrgica comum entre as igrejas ligadas à Convenção Batista Brasileira. Segundo Elildes Junio Macharete Fonseca (2026, p. 56) “uma das características mais valorizadas pelos batistas como distintivo denominacional é o governo livre e independente que confere autonomia às igrejas locais e liberdade de ação litúrgica”.

Todavia, ainda que exista liberdade na condução do culto, permanece uma unidade doutrinária e eclesiológica que aproxima as comunidades batistas brasileiras.

Diferentemente das tradições históricas mais ritualizadas, os batistas não desenvolveram um calendário litúrgico rígido ou uma estrutura universalmente padronizada. Isso favoreceu o surgimento de diferentes formatos cúlticos, desde modelos mais tradicionais até estruturas contemporâneas.

Entretanto, mesmo diante dessa diversidade, há elementos recorrentes que identificam o culto batista, especialmente a centralidade da Palavra de Deus, da música congregacional e da pregação expositiva.

Nesse sentido, Fonseca (2026, p. 57) observa que, desde suas origens, “percebe-se a identidade litúrgica batista: centrada na Palavra, sua leitura e exposição”. Tal característica está diretamente relacionada às influências reformadas e puritanas que moldaram o pensamento batista, enfatizando a suficiência das Escrituras e a proclamação bíblica como eixo do culto cristão.

Historicamente, o culto batista desenvolveu-se menos em torno de elementos sacramentais e mais ao redor da leitura bíblica, oração congregacional, cânticos e sermão.

Essa perspectiva pode ser observada já no modelo defendido por John Smyth que afirmava que o foco não estava na formalidade litúrgica, mas na pregação da Palavra e na atuação do Espírito Santo na comunidade reunida.

Smyth era contrário aos manuais litúrgicos. Para ele, esses livros eram um obstáculo à adoração no culto. [...] Além disso, não se podia usar nenhum material impresso. O culto tinha início às 8 horas da manhã com a leitura da

Bíblia. Se o horário permitisse, podiam acontecer até cinco sermões, entremeados por orações decoradas. Os salmos eram cantados de memória (não havia hinários). O culto terminava às 12 horas e outro culto iniciava-se às 14, com o mesmo esquema anterior, indo terminar lá pelas 17 horas. Para Smyth, o importante é que a Palavra fosse pregada e que o Espírito Santo tivesse liberdade suficiente para orientar a ordem litúrgica. (Frederico, 1994, p. 36)

Apesar da resistência histórica a modelos litúrgicos fixos, não se pode afirmar que os batistas sejam desprovidos de liturgia. Pelo contrário, como destaca Jonathan Landry Cruse (2024, p. 74), “não existe igreja não litúrgica. Todos têm uma liturgia”.

Assim, ainda que muitas igrejas batistas rejeitem o próprio termo “liturgia”, frequentemente por associá-lo ao catolicismo romano, suas celebrações seguem determinadas estruturas, padrões e práticas recorrentes.

Dessa forma, compreende-se que a liturgia batista não deve ser definida pela ausência de formas, mas pela submissão de suas práticas à autoridade das Escrituras.

Ainda que exista liberdade litúrgica decorrente da autonomia da igreja local, essa liberdade não deve ser confundida com ausência de critérios bíblicos para o culto coletivo. Nesse aspecto, torna-se relevante o chamado princípio regulador do culto, desenvolvido no contexto da tradição reformada, segundo o qual o culto cristão deve ser orientado não pelas preferências humanas, tendências culturais ou pragmatismos eclesiais, mas pelos elementos estabelecidos nas Escrituras.

Embora os batistas historicamente não tenham desenvolvido uma liturgia rígida ou sacramentalista, a centralidade da Palavra, da oração, da música congregacional e da proclamação bíblica demonstra a influência desse princípio em sua prática cultiva. O objetivo do culto não é o entretenimento religioso nem a satisfação emocional da congregação, mas a glorificação de Deus mediante uma adoração bíblica, reverente e cristocêntrica.

Assim, o princípio regulador do culto exerce importante função na preservação da identidade teológica batista, impedindo que o culto coletivo seja moldado exclusivamente pelas demandas culturais de cada época.

Em um contexto contemporâneo marcado pela constante flexibilização litúrgica e pela influência do mercado religioso, esse princípio reafirma a necessidade de que o culto permaneça fundamentado na suficiência das Escrituras, na centralidade de Cristo e na edificação espiritual da igreja.

3.3 O LOUVOR NO CULTO BATISTA

O louvor ocupa lugar de grande relevância no culto batista, especialmente por sua relação com a proclamação da Palavra, com a participação da congregação e com a expressão coletiva da fé cristã. Ao longo da história da denominação, a música foi compreendida não apenas como elemento complementar da celebração, mas também como instrumento de ensino bíblico, edificação espiritual e manifestação comunitária da fé. Nesse sentido, compreender o louvor no culto batista exige considerar não apenas sua função teológica, mas também o desenvolvimento histórico da música cristã no Brasil e as transformações culturais que modificaram a maneira como as igrejas expressam musicalmente sua fé.

A tradição batista brasileira desenvolveu-se, durante grande parte de sua história, em torno de uma forte tradição hinológica. Nesse processo, dois hinários assumiram importância particular: o Cantor Cristão e, posteriormente, o Hinário para o Culto Cristão. Ambos representam momentos distintos da história da música congregacional batista e ajudam a compreender a transição entre uma tradição baseada predominantemente nos hinos e uma realidade litúrgica que passou a incorporar maior variedade de formas musicais.

O Cantor Cristão foi publicado pela primeira vez em 1891, por iniciativa do missionário batista Salomão Luiz Ginsburg. Sua primeira edição continha apenas dezesseis hinos, mas o hinário foi progressivamente ampliado nas décadas seguintes. Em 1921, sua décima sétima edição já reunia 571 hinos, demonstrando a dimensão que o repertório havia alcançado dentro das igrejas batistas brasileiras. A primeira edição contendo partituras foi publicada em 1924, com a colaboração de músicos ligados à tradição batista, entre eles Ricardo Pitrowsky.

Mais do que um simples livro de músicas, o Cantor Cristão tornou-se um importante instrumento de formação da identidade batista brasileira. Durante aproximadamente um século, ele constituiu o principal repertório oficial utilizado pelas igrejas batistas e participou diretamente da formação da memória musical de sucessivas gerações de cristãos. O repertório reunido no hinário apresentava temas centrais da fé cristã, como a santidade de Deus, a redenção, a cruz de Cristo, a salvação, a santificação, a missão, a esperança e a segunda vinda de Cristo.

Sua importância também está relacionada ao contexto missionário no qual o protestantismo brasileiro se desenvolveu. Muitos hinos foram traduzidos ou adaptados de composições provenientes principalmente do universo evangélico norte-americano e britânico. Dessa maneira, o hinário funcionou também como instrumento de transmissão da teologia protestante em língua portuguesa. A tradução não consistia apenas em transportar uma melodia e uma letra para outro idioma, mas em inserir determinados conteúdos teológicos na experiência religiosa das comunidades brasileiras. A própria história do Cantor Cristão revela, portanto, a relação entre missão, tradução, música e formação doutrinária.

Ao longo do século XX, o Cantor Cristão passou por diversas edições, revisões e ampliações. Sua permanência demonstra a importância que o canto congregacional assumiu na tradição batista. O culto era marcado pela participação da congregação, que não apenas acompanhava o ministro ou o dirigente, mas cantava coletivamente textos que haviam se tornado parte de sua memória e identidade. O hino, nesse contexto, funcionava simultaneamente como oração, confissão de fé, proclamação do Evangelho e instrumento de ensino.

Entretanto, o próprio desenvolvimento da música evangélica brasileira revelou a necessidade de renovação do repertório. A partir de meados do século XX, começaram a surgir críticas relacionadas à linguagem, à métrica e à atualização dos hinos, ao mesmo tempo em que novos cânticos, frequentemente chamados de “corinhos”, passaram a ocupar espaço nas igrejas. Esse processo não significou imediatamente o desaparecimento da hinologia tradicional, mas representou o início de uma transformação na forma como as congregações cantavam e compreendiam a música no culto.

É nesse contexto que deve ser compreendido o surgimento do Hinário para o Culto Cristão (HCC). Lançado em 1991, durante a 72ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, realizada em Niterói, o HCC representou uma tentativa de atualização e ampliação da hinologia batista brasileira. O lançamento ocorreu justamente no ano em que o Cantor Cristão completava cem anos, e a própria Convenção Batista Brasileira havia definido 1991 como o “Ano da Música”.

O HCC não deve ser compreendido simplesmente como um substituto do Cantor Cristão. Seu surgimento representa uma nova etapa da hinologia batista, procurando reunir hinos tradicionais, novas composições e diferentes possibilidades de expressão musical para o culto. Dessa maneira, a tradição batista passou a

dispor de dois importantes repertórios que poderiam dialogar entre si: de um lado, a memória histórica preservada pelo Cantor Cristão; de outro, a renovação promovida pelo Hinário para o Culto Cristão.

Essa renovação ocorreu em um momento de profundas mudanças na música evangélica brasileira. A segunda metade do século XX testemunhou a ampliação do uso de instrumentos como violão, guitarra, baixo elétrico, bateria e teclados, além da incorporação de gêneros musicais presentes na cultura popular. O culto começou progressivamente a deixar de ser acompanhado apenas por piano ou órgão e passou a incorporar formações musicais semelhantes às encontradas na música popular brasileira.

Um dos movimentos mais importantes nesse processo foi o Vencedores por Cristo (VPC). Fundado em 1968 a partir do trabalho do missionário Jaime Kemp, o projeto inicialmente reuniu jovens universitários e pré-universitários de diferentes denominações para treinamento bíblico, evangelístico e prático. A música foi utilizada como uma das principais ferramentas de comunicação da mensagem cristã. As equipes percorriam diferentes regiões do país e utilizavam repertório com conteúdo bíblico, mas com ritmos, instrumentos e linguagem mais próximos da cultura musical contemporânea.

A importância do Vencedores por Cristo para a música cristã brasileira está justamente nessa aproximação entre conteúdo cristão e linguagem musical contemporânea. A utilização de violões, guitarras, baixos, baterias e diferentes ritmos contribuiu para ampliar as possibilidades musicais das igrejas. A proposta não consistia simplesmente em substituir os hinos, mas em demonstrar que a mensagem cristã poderia ser comunicada por diferentes linguagens musicais. Ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, diferentes equipes do VPC participaram da formação de músicos e líderes que posteriormente serviriam em igrejas de diversas denominações.

Esse processo abriu espaço para uma nova geração de compositores e ministros de música. Durante as décadas de 1970 e 1980, o louvor congregacional brasileiro passou a receber influências de diferentes fontes. Ao lado do trabalho do Vencedores por Cristo, destacaram-se compositores e ministros como Adhemar de Campos, cuja produção contribuiu significativamente para a renovação dos cânticos congregacionais. Canções como “Grande é o Senhor”, “O Leão da Tribo de Judá”,

“Nosso General” e “Tributo a Jeová” tornaram-se conhecidas em diferentes comunidades evangélicas e passaram a integrar o repertório de diversas igrejas.

A atuação de Adhemar de Campos também esteve relacionada à chamada Comunidade da Graça, contribuindo para a formação de uma linguagem musical que valorizava o canto congregacional, a repetição de refrões, a participação coletiva e uma sonoridade mais próxima da música cristã contemporânea. Nesse período, a expressão “louvor e adoração” passou progressivamente a ser utilizada não apenas para designar o ato de cantar hinos, mas para caracterizar todo um modelo de condução musical do culto.

Na década de 1980, outros movimentos contribuíram para essa transformação. O surgimento de ministérios e grupos ligados às chamadas comunidades evangélicas trouxe repertórios que combinavam composição brasileira, versões de músicas estrangeiras e uma linguagem congregacional mais contemporânea. A Comunidade Zona Sul, no Rio de Janeiro, por exemplo, tornou-se conhecida posteriormente por canções como “Ventos de Avivamento” e “Rompendo em Fé”. O grupo destacou-se também pela participação dos próprios membros da igreja nas gravações, reforçando uma concepção de música que pretendia manter a congregação como participante do processo musical.

Esse movimento das comunidades ganhou força especialmente durante os anos 1990. Além da Comunidade Zona Sul, outros grupos e igrejas passaram a produzir repertórios próprios, entre eles a Comunidade Carisma e a Comunidade Evangélica de Nilópolis. A Comunidade Carisma, por exemplo, desenvolveu um repertório marcado por expressões de exaltação, rendição, celebração e participação coletiva, enquanto a Comunidade de Nilópolis tornou conhecidas canções que passaram a ser utilizadas em diferentes igrejas brasileiras. A existência desses grupos demonstra que o desenvolvimento do louvor contemporâneo não aconteceu exclusivamente por meio de artistas individuais, mas também através de comunidades locais que produziram repertório destinado à utilização congregacional.

Outro exemplo significativo foi a Igreja Bíblica da Paz, em São Paulo. Fundada em 1987, a igreja desenvolveu, especialmente durante a década de 1990, um ministério de louvor que alcançou influência nacional. O álbum *Exaltai*, gravado em 1994, tornou-se representativo daquele período e apresentou versões em português de músicas associadas ao movimento internacional de Praise and

Worship, especialmente ao repertório difundido pela Integrity Music e pela Hosanna! Music. A própria trajetória da igreja registra que seu ministério de louvor se tornou referência e exerceu influência sobre outras igrejas.

Esse fenômeno revela uma característica importante da música evangélica brasileira dos anos 1990: a crescente circulação de repertórios internacionais traduzidos e adaptados para o português. Canções produzidas originalmente nos Estados Unidos, Austrália e outros contextos passaram a ser cantadas pelas igrejas brasileiras. Um exemplo significativo foi “Shout to the Lord”, de Darlene Zschech, posteriormente conhecida no Brasil como “Aclame ao Senhor”. A Igreja Bíblica da Paz registrou uma versão em português no álbum Plenitude, de 1995, e posteriormente o Diante do Trono também gravou a canção.

Paralelamente a essa transformação do louvor congregacional, ocorreu outra mudança importante na música cristã brasileira: a aproximação com gêneros musicais populares, especialmente o rock nacional. Durante os anos 1980 e 1990, bandas cristãs passaram a utilizar guitarras distorcidas, baterias mais marcantes e estruturas musicais próprias do rock. Entre essas bandas destacaram-se Resgate, Oficina G3, Fruto Sagrado, Katsbarnea e Catedral.

A Oficina G3, formada em São Paulo em 1987, tornou-se uma das principais representantes desse movimento. Em um período no qual o rock ainda enfrentava resistência em setores das igrejas brasileiras, a banda contribuiu para demonstrar que uma linguagem musical associada à juventude poderia ser utilizada dentro do universo cristão. Ao lado de grupos como Resgate, Fruto Sagrado e Katsbarnea, ajudou a consolidar o chamado rock cristão brasileiro.

A Banda Resgate, formada em 1989, também ganhou projeção durante a década de 1990. Seu primeiro trabalho foi lançado em 1991, e posteriormente a banda incorporou diferentes elementos do rock e do britpop à música cristã. Esse movimento foi importante porque ampliou a compreensão de que a música cristã não precisava estar vinculada a uma única estética musical.

Nesse mesmo contexto, a década de 1990 assistiu ao crescimento de cantoras que se tornaram referências na música cristã brasileira. Aline Barros, por exemplo, iniciou sua projeção nacional ainda no começo da década e lançou o álbum Sem Limites em 1995. Eyshila, que já havia participado do grupo Altos Louvores, lançou Glorificando em 1995 e posteriormente Tira-me do Vale, em 1997. Fernanda Brum lançou Feliz de Vez em 1993 e Meu Bem Maior* em 1995.

A presença dessas cantoras contribuiu para uma mudança na maneira como a música cristã era consumida e distribuída. O repertório passou a circular não apenas dentro das congregações, mas também por meio de rádios, programas de televisão, fitas cassete, CDs e, posteriormente, DVDs. Com isso, determinados artistas e ministérios passaram a exercer influência sobre o repertório das igrejas em diferentes regiões do país.

Outro marco importante desse período foi o surgimento do Renascer Praise, ligado à Igreja Renascer em Cristo. O primeiro álbum foi lançado em 1993 e contou com a participação de grupos que representavam diferentes vertentes da música cristã contemporânea, incluindo Resgate, Oficina G3 e Katsbarnea. A partir de 1996, o Renascer Praise passou a realizar gravações ao vivo de grande porte, ampliando a dimensão visual e comunitária das produções de louvor. O grupo também utilizou diferentes gêneros musicais e incorporou ministrações entre as músicas, características que contribuíram para sua identidade.

A experiência do Renascer Praise evidencia uma transformação importante: a gravação de um álbum de louvor passou a ser também um acontecimento comunitário. A congregação deixou de ser apenas o público que recebia uma música gravada e passou a participar da própria gravação. Grandes corais, bandas, solistas e congregações inteiras passaram a compor o cenário das produções. Dessa forma, o álbum deixou de representar somente um registro musical e passou a funcionar como uma extensão da experiência cúlrica.

É nesse ambiente de transformações que surge, no final da década de 1990, um dos movimentos mais influentes da música cristã brasileira: o Diante do Trono. Formado em 1997 a partir do ministério de louvor da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, o grupo realizou sua primeira gravação em 1998. O projeto nasceu dentro de uma igreja batista e rapidamente ultrapassou os limites daquela congregação, alcançando igrejas de diferentes denominações em todo o Brasil.

O Diante do Trono reuniu diversas tendências que já estavam presentes na música cristã brasileira. Sua proposta incorporou elementos das comunidades de louvor, das gravações ao vivo, da música cristã contemporânea, das influências internacionais e de uma estrutura de ministério musical voltada especificamente para a condução congregacional. Entretanto, sua influência ultrapassou a dimensão estritamente musical.

Uma das características que ganharam grande projeção por meio do Diante do Trono foi a utilização da adoração espontânea, compreendida como momentos em que o ministro ou a própria congregação prolonga a expressão musical para além da letra previamente composta, utilizando frases, orações, repetições e outras manifestações musicais e verbais. Essa prática passou a ser associada, em determinados círculos, ao chamado “cântico espiritual” ou à chamada “adoração extravagante”.

É importante distinguir, entretanto, o fenômeno histórico da avaliação teológica dessa prática. O fato de uma determinada forma de expressão ter se tornado comum no movimento contemporâneo de louvor não significa, por si só, que ela deva ser automaticamente identificada com uma determinada manifestação espiritual descrita no Novo Testamento. No âmbito desta pesquisa, interessa observar como esse modelo modificou a linguagem litúrgica das igrejas e ampliou a compreensão prática do que muitos cristãos passaram a chamar de “momento de adoração”.

A influência do Diante do Trono foi particularmente significativa porque o ministério nasceu dentro de uma igreja batista. Isso fez com que determinadas formas musicais e litúrgicas desenvolvidas naquele contexto fossem recebidas por outras igrejas batistas como possibilidades legítimas de renovação do culto. Canções como “Aclame ao Senhor”, “Águas Purificadoras” e “Preciso de Ti” passaram a integrar o repertório de numerosas igrejas evangélicas, inclusive congregações batistas. O próprio Diante do Trono registra que sua primeira gravação surgiu do ministério de louvor da Igreja Batista da Lagoinha e que o projeto rapidamente se espalhou pelo país.

A partir desse processo, muitas igrejas batistas brasileiras passaram a substituir ou complementar a estrutura tradicional baseada exclusivamente no hinário por conjuntos de louvor formados por vocalistas e instrumentistas. O piano e o órgão continuaram presentes em muitas congregações, mas passaram a conviver com violão, guitarra, baixo, bateria, teclado e outros instrumentos. A figura do “ministro de louvor” ou “líder de louvor” também ganhou maior importância, enquanto a condução musical passou a ser estruturada em blocos de músicas, introduções, interlúdios e momentos de oração e reflexão.

Essa transformação não significa que a tradição hinológica tenha desaparecido. Em muitas igrejas batistas, o Cantor Cristão e o Hinário para o Culto

Cristão continuam presentes, seja no uso regular dos hinários, seja por meio da permanência de suas canções na memória congregacional. O que ocorreu foi uma ampliação do repertório disponível e das formas de utilização da música no culto. A tradição e a contemporaneidade passaram a coexistir, ainda que nem sempre sem tensões.

Dessa maneira, a história recente do louvor cristão brasileiro não pode ser interpretada simplesmente como uma substituição dos hinos pelos cânticos contemporâneos. O processo foi mais complexo. O Cantor Cristão estabeleceu uma sólida tradição de canto congregacional e formação doutrinária; o Hinário para o Culto Cristão representou uma importante tentativa de atualização dessa tradição; o Vencedores por Cristo demonstrou novas possibilidades de contextualização musical; os ministérios das comunidades ampliaram o repertório congregacional; grupos como Resgate e Oficina G3 aproximaram a música cristã de diferentes gêneros populares; cantoras como Aline Barros, Eyshila e Fernanda Brum ampliaram a circulação nacional da música cristã; o Renascer Praise desenvolveu grandes produções de louvor e gravações ao vivo; e o Diante do Trono reuniu diversas dessas tendências e lhes conferiu ampla projeção nacional.

Esse processo também evidencia que a música utilizada pelas igrejas não existe em um vazio cultural. O culto cristão acontece em contextos históricos específicos, e as formas musicais utilizadas pela igreja dialogam inevitavelmente com as linguagens disponíveis em cada época. Como observa Barry Liesch (2003, p. 9), os cânticos contemporâneos “relacionam poderosamente o cristianismo à cultura contemporânea”. A questão, portanto, não consiste simplesmente em determinar se uma música é tradicional ou contemporânea, mas em avaliar o conteúdo que ela comunica, a maneira como é utilizada e sua função dentro da reunião da igreja.

Nesse sentido, a música cristã contemporânea trouxe contribuições importantes para a participação de novas gerações. Jovens que dificilmente se identificariam com determinadas formas musicais tradicionais passaram a encontrar no culto uma linguagem musical familiar. Isso favoreceu a participação de diferentes gerações e permitiu que a igreja utilizasse linguagens contemporâneas para comunicar verdades cristãs.

Ao mesmo tempo, o processo também trouxe desafios. A popularização do chamado “ministério de louvor” pode produzir uma mudança na percepção da

congregação, transformando os músicos em protagonistas e os demais membros em espectadores. A centralidade da música também pode fazer com que o termo “adoração” seja utilizado quase exclusivamente para designar o período musical do culto. Nessa situação, ocorre justamente a redução que foi analisada nos capítulos anteriores: a adoração passa a ser identificada com a música, enquanto sua dimensão integral de resposta à revelação de Deus é enfraquecida.

Por isso, a participação congregacional permanece essencial. A presença de uma banda, coral ou equipe de louvor não deve retirar da igreja reunida sua responsabilidade de cantar, confessar, orar, ouvir, responder e participar do culto. O grupo musical exerce uma função de serviço à congregação, e não de substituição da congregação. O objetivo do louvor congregacional não é apresentar uma performance diante da igreja, mas conduzir a própria comunidade a participar da proclamação e da expressão coletiva da fé.

Nesse aspecto, tanto os hinos históricos quanto os cânticos contemporâneos podem cumprir funções importantes no culto. O Cantor Cristão e o Hinário para o Culto Cristão carregam uma memória teológica e histórica significativa da tradição batista, enquanto os cânticos contemporâneos possibilitam novas formas de comunicação e expressão da fé. A coexistência entre esses repertórios não precisa ser compreendida como oposição entre passado e presente, mas como possibilidade de continuidade e renovação.

Conforme afirma o Pr. Elildes Junio Macharete Fonseca (2026, p. 64), “hinos e cânticos podem conviver harmonicamente, somando na comunicação da Palavra de Deus”. A questão fundamental, portanto, não é determinar qual estilo musical deve ocupar o culto batista, mas verificar se aquilo que é cantado comunica fielmente a verdade cristã e cumpre sua função de edificação da comunidade.

Dessa forma, o percurso histórico apresentado demonstra que o louvor batista brasileiro passou por significativas transformações musicais, culturais e litúrgicas. Do hinário utilizado por toda a congregação às grandes equipes de louvor; dos hinos traduzidos pelos primeiros missionários aos cânticos contemporâneos; dos pequenos conjuntos instrumentais às grandes produções ao vivo; das formas tradicionais de canto congregacional às novas experiências de adoração espontânea, a música cristã brasileira desenvolveu diferentes maneiras de expressar a fé.

Essas transformações, entretanto, não eliminam os fundamentos apresentados ao longo desta pesquisa. O louvor no culto batista deve permanecer cristocêntrico, congregacional e bíblicamente fundamentado. A música deve servir à proclamação das verdades do Evangelho, à edificação da igreja e à glorificação de Deus. O valor de uma expressão musical não deve ser determinado apenas por sua antiguidade ou por sua popularidade, mas por sua coerência com a fé cristã e por sua capacidade de servir à comunidade reunida.

Assim, hinos históricos e cânticos contemporâneos podem coexistir de maneira saudável quando submetidos à centralidade das Escrituras, à centralidade de Cristo e à edificação da igreja. A tradição não precisa ser rejeitada para que haja renovação, assim como a contemporaneidade não deve ser aceita simplesmente por ser contemporânea. O desafio do culto batista consiste em preservar sua identidade bíblica e teológica enquanto reconhece que as formas musicais utilizadas pela igreja podem mudar conforme os contextos históricos e culturais.

Mais importante do que a escolha entre hinos ou cânticos, entre piano ou banda, entre uma estrutura litúrgica tradicional ou contemporânea, é que a igreja compreenda que a música é parte do culto e não o próprio culto em sua totalidade. O louvor musical deve permanecer como expressão da adoração da comunidade, e não como substituto dela. Quando a música cumpre essa função, ela contribui para que a congregação proclame as verdades do Evangelho, ensine uns aos outros, expresse gratidão, fortaleça sua fé e responda à revelação de Deus.

Dessa maneira, o louvor congregacional continua sendo uma importante expressão da identidade cúltica batista. Sua história demonstra que a igreja pode receber diferentes linguagens musicais sem abandonar necessariamente seus fundamentos, desde que a renovação permaneça submetida às Escrituras, à centralidade de Cristo, à participação congregacional e à edificação da comunidade cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os fundamentos bíblicos, históricos e litúrgicos da adoração e do louvor no culto das igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira, buscando compreender como esses conceitos são apresentados nas Escrituras e como sua compreensão se relaciona com a formação da prática cultíca batista. A partir desse objetivo, o trabalho percorreu três áreas principais: a compreensão bíblico-teológica da adoração, o louvor cristão e suas expressões nas Escrituras e, por fim, a formação histórica, litúrgica e musical do culto batista.

A análise desenvolvida demonstrou que a adoração possui uma abrangência significativamente maior do que suas manifestações externas no culto. As dimensões da adoração como homenagem, submissão, serviço e reverência conduziram à compreensão de que ela constitui uma resposta digna à revelação de Deus, envolvendo a totalidade da vida do adorador. Assim, a adoração não pode ser identificada exclusivamente com a música, com um momento específico da celebração ou com determinada experiência emocional.

Da mesma forma, o estudo do louvor demonstrou que, embora os dois conceitos estejam profundamente relacionados, louvor e adoração não são sinônimos. O louvor constitui uma expressão da adoração, envolvendo celebração, proclamação, gratidão, reverência e exaltação de Deus. A análise das expressões bíblicas de louvor demonstrou ainda que ele pode assumir diferentes formas, individuais e comunitárias, e não está limitado à música.

A análise da história bíblica da redenção confirmou essa compreensão. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o louvor aparece como resposta do povo de Deus à sua graça, santidade e aos seus atos salvadores. No Novo Testamento, essa realidade está relacionada à nova vida em Cristo e à edificação da comunidade, demonstrando que o louvor possui também dimensão doutrinária e comunitária.

Esses resultados confirmam a primeira hipótese apresentada na introdução: a compreensão bíblica da adoração e do louvor é mais ampla do que sua redução à música ou a momentos específicos da liturgia. A adoração envolve a resposta integral do ser humano à revelação de Deus, enquanto o louvor constitui uma de suas expressões.

No contexto batista, a pesquisa demonstrou que essa compreensão está relacionada à própria formação histórica da denominação. A influência reformada, o separatismo inglês, a autoridade das Escrituras e a autonomia da igreja local contribuíram para uma tradição cúltica marcada pela centralidade da Palavra, pela participação congregacional e pela liberdade litúrgica submetida aos princípios bíblicos.

A música ocupou papel importante nesse desenvolvimento. O Cantor Cristão e o Hinário para o Culto Cristão contribuíram para a formação doutrinária, devocional e comunitária das igrejas batistas. Posteriormente, diferentes grupos, compositores e movimentos ampliaram as possibilidades de expressão musical no contexto cristão brasileiro. Vencedores por Cristo, Adhemar de Campos, ministérios e comunidades das décadas de 1980 e 1990, o Renascer Praise, o rock cristão e, posteriormente, o Diante do Trono participaram de transformações que influenciaram a linguagem musical de diversas igrejas.

Esse percurso histórico demonstra que as formas musicais utilizadas pelas igrejas não são imutáveis. Entretanto, a pesquisa também evidencia que a diversidade musical não deve deslocar os fundamentos que orientam o culto. A questão principal não está simplesmente em escolher entre formas tradicionais e contemporâneas, mas em avaliar se seus conteúdos e sua utilização permanecem coerentes com as Escrituras e com a finalidade do culto cristão.

Nesse sentido, confirma-se também a segunda hipótese: a compreensão bíblica da adoração e do louvor constitui fundamento para a prática do culto batista, especialmente no que se refere à centralidade das Escrituras, à centralidade de Cristo, à participação congregacional e à edificação da igreja. Esses fundamentos permitem compreender a relação entre tradição e contemporaneidade sem estabelecer um único modelo musical ou litúrgico.

Os objetivos específicos propostos também foram contemplados. A pesquisa analisou o conceito bíblico de adoração, suas dimensões e sua relação com a revelação de Deus; distinguiu adoração e louvor e apresentou suas principais expressões nas Escrituras; acompanhou o desenvolvimento do louvor na história bíblica da redenção; apresentou aspectos fundamentais da formação histórica do movimento batista; analisou princípios relacionados à liturgia batista; e refletiu sobre o lugar da música e do louvor diante da relação entre tradição, hinologia histórica e expressões contemporâneas.

Dessa forma, a problemática apresentada na introdução encontra sua resposta na compreensão de que os fundamentos bíblicos, históricos e litúrgicos não conduzem à adoção de um modelo único de culto, mas oferecem critérios para discernir suas diferentes expressões. A autonomia das igrejas batistas permite diversidade litúrgica, mas essa diversidade deve permanecer orientada pela autoridade das Escrituras e pela finalidade do culto cristão.

Conclui-se, portanto, que a adoração e o louvor no culto das igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira não devem ser definidos primariamente por estilos musicais ou estruturas litúrgicas. A adoração é a resposta digna à revelação de Deus e envolve a totalidade da vida, enquanto o louvor constitui uma de suas expressões. A música possui lugar fundamental no culto, mas não constitui sua totalidade.

Assim, hinos históricos e cânticos contemporâneos podem coexistir de maneira legítima quando submetidos à fidelidade bíblica, à centralidade de Cristo e à edificação da comunidade cristã. Mais do que escolher entre tradição e contemporaneidade, cabe à Igreja preservar os fundamentos que orientam seu culto, para que suas diferentes formas de expressão permaneçam a serviço da glorificação de Deus, da proclamação da verdade bíblica e da edificação de seu povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: Nova Versão Internacional. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

AGOSTINHO, Santo. Patrística: *Confissões*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014. Vol. 10. E-book. Disponível em: <http://www.bibliotecaintuitiva.com.br>. Acesso em: 14 mar. 2026.

CALVINO, João. *As Institutas*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. E-book. Disponível em: <http://www.bibliotecaintuitiva.com.br>. Acesso em: 14 mar. 2026.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*: do sr. Pascal sobre a religião e sobre outros assuntos, encontrados entre seus papéis após sua morte. Tradução: Claudia Santana Martins. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2025. E-book. Disponível em: <http://www.bibliotecaintuitiva.com.br>. Acesso em: 14 mar 2026.

PETERSON, David. *Teologia Bíblica da Adoração*: Cultuando a Deus como ele orienta e deseja. 1. ed., São Paulo: Vida Nova, 2019.

SHEDD, Russell. *Adoração Bíblica*: os fundamentos da verdadeira adoração. São Paulo: Vida Nova, 2007.

CARSON, D. A.; et alii. *Louvor*: análise teológica e prática. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

SORGE, Bob. *O Coração do Louvor e da Adoração*. Curitiba: Editora Atos, 2019.

BRAVO, Danielly; BRAVO, Fábio. *Cultura de Louvor*. São Paulo: JesusCopy, 2023.

STRONG, James. *Léxico de Strong*. Disponível: <http://www.hebraico.pro.br/strong/H01/pt-BR/1/en#>. Acesso em: 20 de mar. 2026.

GETTY, Keith; GETTY, Kristyn. *Cante!:* como o louvor transforma a sua vida, sua família e sua igreja. Tradução de Elizabeth Gomes. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018.

FONSECA, Elildes Junio Macharete. *Culto Cristão:* história, teologia e prática da liturgia cristocêntrica. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2026.

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO. *Teologia do Antigo Testamento:* Livros Poéticos, Sapienciais e Proféticos: Unidade 1: Adoração a Deus – O Livro de Salmos. São Paulo: FTBSP, 2024.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *A música na igreja evangélica brasileira.* Rio de Janeiro: MK, 2007.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática.* 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022.

CHRISTIAN, John T. *Uma História Batista:* juntamente com alguns relatos de seus princípios e práticas. [S. l.: s. n.], 2020.

SANCHES, Júlio Oliveira. *Ortodoxia Batista.* 1. ed. São Paulo: Livraria Reencontro, 1986.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.* Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 12 mai. 2026

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Liturgia:* das origens até os batistas brasileiros. Porto Alegre: EST, 1994, p. 36.

CRUSE, Jonathan Landry. *Culto Público:* fundamentos bíblicos para a adoração comunitária. Rio de Janeiro: Pronobis, 2024.

LIESH, Barry. *Nova Adoração*: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais.
Trad. Jorge Camargo. São Paulo: Ecclesia, 2003.